

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

**UM ESTUDO SOBRE A INSERÇÃO DE EMPREENDEDORISMO NO
CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA NO COLÉGIO AGRÍCOLA
DE CAMBORIÚ**

LUIZ GONZAGA CECHET

2008

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

**UM ESTUDO SOBRE A INSERÇÃO DE EMPREENDEDORISMO NO
CURSO TÉCNICO EM AGRPECUÁRIA NO COLÉGIO AGRÍCOLA DE
CAMBORIÚ**

LUIZ GONZAGA CECHEZ

Sob a orientação da Professora

Ana Alice Vilas Boas

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós Graduação em Educação Agrícola, área de concentração Educação Agrícola.

Seropédica/RJ

Abril de 2008

338.04

C389e

T

Cechet, Luiz Gonzaga, 1961-

Um estudo sobre a inserção de empreendedorismo no curso técnico em agropecuária no colégio agrícola de Camboriú / Luiz Gonzaga Cechet - 2008.

71f. : il.

Orientador: Ana Alice Vilas Boas.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Agronomia.

Bibliografia: f. 65-67.

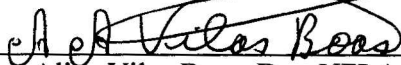
1. Empreendedorismos - Estudo e Ensino - Teses 2. Ensino agrícola - Teses 2. Ensino profissional - Teses. I. Boas, Ana Alice Vilas , 1965- . II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Instituto de Agronomia. III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

Luiz Gonzaga Cechet

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.


DISSERTAÇÃO APROVADA EM 09 de junho de 2008.



Ana Alice Vilas Boas, Dra. UFLA/PPGEA



Antônio Martínez Fandino, Dr. UFRRJ



Luiz Alberto Ferreira, Dr. UFSC

Dedico essa obra à:

Meus pais Pedro e Joana (in memoriam), exemplos de dedicação e comprometimento.

Minha querida esposa, Nilda Cechet, amiga em todas as horas.

Meus filhos, Paulo Ricardo e Sérgio Roberto.

Todos que, direta ou indiretamente, colaboraram e me apoiaram.

AGRADECIMENTOS

Em especial, agradeço muitíssimo....

A Deus, por ter me dado graça, perseverança, ânimo, coragem e saúde para a execução deste trabalho.

À minha amada esposa Nilda, guerreira e grande incentivadora que nos momentos mais difíceis me ajudou a buscar meios para persistir.

Aos meus filhos Paulo Ricardo e Sérgio Roberto, pelo carinho, ajuda, compreensão e incentivo.

Aos meus colegas mestrandos pela convivência fraterna e respeitosa.

Aos professores Gabriel Araújo Santos e Sandra Sanchez, co-responsáveis por essa valiosa caminhada e conquista.

À professora Ana Alice Vilas Boas e ao professor José Francisco Pereira Martins, orientadores pacientes e dedicados cujas idéias enriqueceram e definiram a forma e o conteúdo deste trabalho.

As professoras Sandra Regina Gregório e Rosa Helena Lukesi pela relevante contribuição.

A todos os professores do programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola – PPGEA/UFRRJ pelos conhecimentos transferidos.

Ao servidor do PPGEA Nilson Brito de Carvalho pelo respeito e ajuda prestada em todos os momentos.

Aos professores do Colégio Agrícola de Camboriú Edson João Mariot, Luiz Alberto Ferreira e Sirlei de Fátima Albino pelas orientações na construção e correção deste trabalho.

À servidora do Colégio Agrícola de Camboriú, Marouva Fallgatter Faquetti, Bibliotecária incansável, paciente e sempre pronta quando solicitada.

Aos demais colegas de trabalho pelo carinho e incentivo.

E, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

CECHET, Luiz Gonzaga. **Um estudo sobre a inserção de empreendedorismo no curso técnico em Agropecuária no Colégio agrícola de Camboriú.** Seropédica: UFRRJ, 2008. 71p.

Empreendedorismo não é ainda uma ciência, embora esteja entre as áreas em que mais se pesquisa e se publica. Sabe-se, porém que empreendedorismo é um fenômeno cultural, ou seja, é fruto de hábitos, práticas e valores das pessoas. Empreender é, acima de tudo, uma atitude mental que engloba a motivação e a capacidade de um indivíduo, isolado ou integrado num organismo, para identificar uma oportunidade e para concretizá-la com o objetivo de produzir um novo valor ou um resultado econômico. Atualmente a educação profissional procura se ajustar às demandas de um mercado de trabalho e das inovações tecnológicas, a fim de proporcionar ao alunado acesso as novas tecnologias e o ajustamento de um determinado conjunto de habilidades e competências através da apreensão do conhecimento, do saber científico e tecnológico, do saber fazer, de habilidades ou domínios operacionais e do saber ser, atitudes indispensáveis nas decisões. Assim, o objetivo principal desta pesquisa foi de investigar e identificar junto a alunos egressos dos cursos técnicos do Colégio Agrícola de Camboriú, as necessidades educacionais sobre empreendedorismo que deverão ser atendidas na elaboração da grade curricular dos Cursos Técnicos do Colégio Agrícola de Camboriú. Verificou-se, ainda, a percepção que os egressos empreendedores têm sobre empreendedorismo, pontos fortes e pontos fracos agregados no decorrer do curso técnico por eles concluído, bem como, se o Colégio Agrícola de Camboriú poderia ter fornecido melhores meios para facilitar o ato de empreender. A metodologia utilizada foi uma pesquisa de natureza descritiva, com análises quantitativas e qualitativas. Foram aplicados questionários à trinta e dois egressos empreendedores atuantes em vários ramos de negócios dentro da cadeia produtiva. Durante realização das pesquisas com os egressos empreendedores do Colégio Agrícola de Camboriú observou-se que há necessidades educacionais relativas ao empreendedorismo, e que podem ser abrangidas pelas grades curriculares dos cursos técnicos nesta instituição. Os egressos empreendedores na sua maioria foram motivados por oportunidades como: relacionamentos com familiares, formação técnica, percepção de necessidade local e por estímulos de amigos. Definiram como característica empreendedora mais importante para solucionar os problemas de gestão: a criatividade, a autoconfiança, a habilidade e a capacidade de adaptação. Das dificuldades encontradas na gestão do seu negócio, teve como destaque a falta de capital e falta de planejamento. Na sua maioria os egressos empreendedores declaram em ter uma boa visão empreendedora. Percebe-se ser imprescindível que os conteúdos programáticos das disciplinas sejam cuidadosamente planejados. O estudo conclui que a inserção da disciplina de empreendedorismo na grade curricular dos Cursos técnicos do Colégio Agrícola de Camboriú será de grande importância na formação dos futuros técnicos.

Palavras-chave: educação agrícola, empreendedorismo, ensino técnico. egresso, grade curricular.

ABSTRACT

CECHET, Luiz Gonzaga. **A study on the insertion of the for entrepreneurship in agricultural technical course at the Colégio Agrícola de Camboriú.** Seropédica: UFRRJ, 2008. 71p.

Entrepreneurship is not as yet a science, although it is among the most researched and most published areas. It is known, however, that entrepreneurship is a cultural phenomenon, that is to say, it is the fruit of peoples' habits, practices and values. Entrepreneurship is, above all, a mental attitude which combines the motivation and the capacity of an individual, either on his/her own or integrated within a team, to identify an opportunity and carry it out with the objective of producing a new value or a new economic result. Professional education currently seeks to adjust to the demands of the job market and to technological innovations, intending to offer the student body access to new technology and the adjustment of a certain set of abilities and competencies through the accumulation of knowledge, of scientific and technological knowledge, of know-how, of operational abilities or domains and know how to be, indispensable attitudes in decision-making. Given this, the main aim of this research was to investigate and identify, alongside former pupils on technical courses at Colégio Agrícola de Camboriú (the Agricultural College in Camboriú, Santa Catarina), the educational needs concerning entrepreneurship which should be attended to in the elaboration of the curriculum grade for the Technical Courses at Colégio Agrícola de Camboriú. It was also confirmed that the perception former entrepreneurial students have of entrepreneurship, strong points and weak points collected throughout the duration of the technical course they completed, as well as, if the Colégio Agrícola de Camboriú could have provided better means for facilitating the act of entrepreneurship. The methodology used was research of a descriptive nature, with both quantitative and qualitative analyses. Questionnaires were applied to thirty-two former practicing entrepreneurs from various branches of business within the productive chain. During the data collection from the former entrepreneur students at the Colégio Agrícola de Camboriú it was observed that there were educational needs concerning entrepreneurship and they could be encompassed in the curriculum grade of the technical courses at this institute. Most of the former entrepreneurial students were motivated by opportunities such as: relationships with family and friends, technical training, perception of local needs and encouragement from friends. The following are defined as the most important entrepreneurial characteristics for solving management problems: creativity, self-confidence, the ability and the capacity to adapt. Among the difficulties come across in the management of their business, what stands out the most is the lack of capital and lack of planning. Most of the former entrepreneur students insisted they had good entrepreneur vision. Careful planning of the program contents for the disciplines offered is noticeably indispensable. The conclusion of the study is that the insertion of the discipline of entrepreneurship in the curriculum of technical courses at the Colégio Agrícola de Camboriú will be of great importance in the training of future technicians.

Key-words: agricultural education, entrepreneurship, technical teaching, former, curriculum grade.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Faixa etária dos respondentes	33
Figura 02: Formação dos egressos	35
Figura 03: Tempo de atividade no mercado	38
Figura 04: Taxa de abertura de negócio por oportunidade e/ou necessidade	46
Figura 05: Dificuldades na gestão do seu negócio	52
Figura 06: Contribuição do conhecimento adquirido no Colégio Agrícola de Camboriú	56

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Ramo de negócio dos egressos pesquisados	36
Tabela 02 – Possui sócio	39
Tabela 03: Atuação como empregado	41
Tabela 04: Empreenderam em outro negócio.....	41
Tabela 05:Características empreendedoras importantes para solucionar problemas de gestão	51
Tabela 06:Principais fatores que dificultam o processo de gestão de um empreendimento	53
Tabela 07:Escala de quantificação de valores para se considerar empreendedor	55
Tabela 08:Vontade de ter empreendimento próprio quando aluno do CAC	55
Tabela 09:Conhecimentos adquiridos que mais significaram para a implantação do negócio	57
Tabela 10:Pontos fortes agregados pelos egressos de um curso técnico para o empreendimento na visão dos empreendedores (%)	57
Tabela 11:Pontos fracos agregados pelos egressos de um curso técnico para o empreendimento na visão dos empreendedores (%).	58

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	14
2.1 A Educação Profissional no Brasil.....	14
2.2 A reforma do ensino dos anos 90.....	15
2.3 O ensino por competências na Educação profissional	17
2.4 Empreendedor / empreendedorismo: a evolução de um conceito.....	19
2.5 O ensino do empreendedorismo	23
3 METODOLOGIA.....	27
3.1 População Amostra	29
3.2 Coleta de dados	30
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	33
4.1 Caracterização do empreendedor	33
4.1.1 Formação acadêmica e técnica	34
4.1.2 Atuação profissional.....	36
4.2 Empreendedorismo: a percepção dos atores pesquisados	42
4.2.1 Termo empreendedorismo	43
4.2.2 Fatores que motivaram o ato de empreender.....	45
4.2.2.1 Oportunidades:	46
4.2.2.2 Necessidades.....	49
4.2.3 Características empreendedoras mais importantes para gerir seu negócio	51
4.2.4 Gestão do negócio	52
4.2.4.1 Dificuldades encontradas.....	52
4.2.4.2 Visão empreendedora	54
4.3 Empreendedorismo: formação educacional e atuação profissional dos egressos.....	55
4.3.1 Quanto ao ter seu próprio negócio ainda como aluno	55
4.3.2 Conhecimento adquirido no Colégio Agrícola de Camboriú	56
4.3.2.1 Contribuições mais significativas	56
4.3.3 Egresso de curso técnico	57
4.3.3.1 Pontos fortes	57
4.3.3.2 Pontos fracos	58
4.3.4 Contribuição do Colégio Agrícola de Camboriú com conteúdos relacionados ao ato de empreender, enfrentar desafios e oportunidades.	59
5 CONCLUSÕES	63
6 SUGESTÕES	64
REFERÊNCIAS	65
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO	68

1 INTRODUÇÃO

As mudanças sociais, econômicas e tecnológicas do mundo contemporâneo, vêm implicando em transformações radicais no mundo do trabalho nas últimas décadas.

Seus impactos são constatados na nova configuração do mercado de trabalho, nas relações de emprego, nos requisitos exigidos dos trabalhadores, na organização dos empreendimentos produtivos, nas tecnologias e no gerenciamento da produção, no deslocamento setorial e espacial dos empregos, no aumento do desemprego e da informalidade.

Tais mudanças demandam um novo perfil de trabalhador, exigindo competências que habilitem à inserção produtiva elevada. A construção desse perfil qualificado exige uma educação profissional que garanta ao cidadão, aprender a trabalhar a partir do acesso efetivo às conquistas científicas e tecnológicas da sociedade, que implica promover a compreensão global do processo produtivo com “a apreensão do saber tecnológico que informa a prática profissional”.

Formar o novo profissional com as capacidades que assegurem flexibilidade para enfrentar, de modo competente, o complexo mercado de trabalho, tem na escola e no professor papel importante na sua formação, necessário o aprimoramento do potencial humano em particular, da força de trabalho qualificada através da Educação (formal e não-formal), como fundamental para o progresso econômico do país.

O trabalho evoluiu de processos simples e de maior expressão individual, para processos altamente complexos e impessoais. Essa tecnificação geral da existência se fez presente em todas as manifestações da atividade humana. A tecnologia veio provocar uma nova abordagem do homem dentro das relações do trabalho e uma série de reinterpretações do próprio fenômeno educacional.

Tornou-se senso comum que qualquer profissional que queira garantir sua sobrevivência no mercado de trabalho deve aderir à idéia de manter-se atualizado por meio de um retorno aos sistemas de formação, que oferecem cada vez mais opções em termos de educação continuada por meios presenciais ou à distância, não só nas escolas, mas em empresas, ONGs e outras agências.

Para Malta (2006, p. 01), diretor superintendente do SEBRAE (Serviço Brasileiro de apoio às Micro e pequenas Empresa) do Estado do Rio de Janeiro “O grande desafio do ensino fundamental, nos dias atuais, é não mais limitar-se a alfabetizar e dar formação básica,

e sim preocupar-se com a preparação de seu aluno para enfrentar os desafios futuros, tanto no mercado de trabalho, quanto na vida pessoal”.

Em 08 de abril de 1953, foi firmado um acordo entre os Governos da União e do Estado de Santa Catarina, publicado no Diário Oficial da União de 15 de abril de 1953, determinando a criação do Colégio Agrícola de Camboriú (CAC), localizado no município de Camboriú – SC, no Litoral Leste distando da Capital do Estado, Florianópolis 90 km aproximadamente.

Pioneiro na formação de Técnicos em Agropecuária em Santa Catarina, o Colégio Agrícola de Camboriú formou e continua formando profissionais que prestaram e continuam prestando especial contribuição para a difusão tecnológica junto a Agricultores e Trabalhadores Rurais de todas as regiões do nosso Estado (mais de 80 municípios de Santa Catarina) e em outros estados da União como Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo, Bahia e Mato Grosso.

Desde 1965 o CAC oferece formação profissional de Técnico em Agropecuária, preparando o educando para gerir propriedades rurais, além de capacitá-lo para o mercado de trabalho. Atualmente oferece também formação profissional com cursos técnicos pós-médio na área de Informática, Meio Ambiente, cursos que tiveram início em 2000; Agropecuária com início em 1990 e Transações Imobiliárias que teve seu início em 2005. Cursos técnicos concomitantes ao ensino médio como Agropecuária tendo início em 1973, Informática com início em 2004 e Turismo com início em 2008.

Buscando acompanhar as evoluções do mercado, o Colégio Agrícola de Camboriú pretende implantar o Curso de Técnico em Agroindústria para formar profissionais de perfil competente e espírito de empreendedorismo para buscar oportunidades e com iniciativa empreendedora.

O problema então, poderia ser resumido, através da seguinte pergunta: **Quais necessidades educacionais relativas ao empreendedorismo, devem ser abrangidas pela grade curricular do curso técnico em Agropecuária no CAC?**

Assim o objetivo principal desta pesquisa é o de investigar e identificar junto a alunos egressos dos cursos técnicos do Colégio Agrícola de Camboriú, as necessidades educacionais sobre empreendedorismo que deverão ser atendidas na elaboração da grade curricular dos Cursos Técnicos da Instituição.

Os objetivos específicos deste estudo são:

a) identificar, junto aos alunos empreendedores egressos dos Cursos técnicos do Colégio Agrícola de Camboriú, deficiências que ficaram marcadas na sua formação profissional no

que se refere ao tema empreendedorismo;

b) analisar informações coletadas dos egressos empreendedores para melhor estruturar uma programação curricular na área de empreendedorismo nos Cursos Técnicos do Colégio Agrícola de Camboriú;

c) identificar as dificuldades enfrentadas pelos egressos em empreender com sucesso;

d) identificar os fatores facilitadores do processo de empreender.

Para melhor organização desta pesquisa o trabalho foi dividido em dois momentos. No primeiro momento foi realizada a fundamentação teórica através da pesquisa bibliográfica e o levantamento de documentos para subsidiar a análise de dados secundários. No segundo momento foi aplicado um questionário aos egressos dos Cursos Técnicos do Colégio Agrícola de Camboriú, com iniciativas empreendedoras. O presente relatório abrange uma revisão teórica sobre educação agrícola e empreendedorismo, descreve a metodologia utilizada, bem como os resultados obtidos e sugestões de trabalhos futuros.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A Educação Profissional no Brasil

Historicamente a educação profissional brasileira teve sua origem na educação e trabalho entre os povos nativos, cujas práticas de aprendizagem efetivaram-se mediante a observação e a participação direta nas atividades exercidas.

Os mais velhos faziam e ensinavam, e os mais novos observavam, repetiam e aprendiam (BRANDÃO apud MANFREDI, 2003).

No Brasil Colônia, os colégios e as residências de jesuítas sediadas em alguns dos principais centros urbanos foram os primeiros núcleos de formação profissional, ou seja, as “Escolas Oficinas” para artesãos e demais ofícios. Os jesuítas, além de terem desempenhado na educação indígena, também construíram escolas para os colonizadores, particularmente para a elite.

No início do século XIX, com a transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro o Brasil torna-se sede do reino português. A partir de então, inicia-se uma atividade de empreendimentos industriais estatais e privados. Ao mesmo tempo, ocorreu a formação do Estado Nacional, e conseqüentemente a constituição do aparelho educacional. Paralelamente a construção do Sistema Escolar Público, o Estado procurava desenvolver um tipo de ensino apartado do secundário e do superior.

Portanto, a Educação Profissional durante o império, ora partiam de associações civis religiosas e/ou filantrópicas, ora estatais. A preparação para os ofícios manufatureiros era ministrada nas academias militares, em entidades filantrópicas e nos liceus de artes e ofícios.

Entre 1840 e 1856 foram fundadas as Casas de Educando Artífices, destinadas a crianças e jovens em estado de mendicância, que além da educação primária, aprendiam diversos ofícios. Tais casas, mantidas pelo Estado, eram vistas mais como obras de caridade aos “órfãos e desvalidos da sorte” de como instituição educacional.

No início do século XX, o Governo Republicano de Nilo Peçanha através do Decreto nº 7. 566 de 23 de dezembro de 1909, criou as 19 Escolas de Aprendizes e Artífices, distribuídas nas diferentes unidades da Federação, exceto no Distrito Federal e no Rio Grande do Sul. Estas escolas foram os embriões do atual Sistema Nacional de Educação Tecnológica, tendo sido transformada, ao longo do tempo, nas escolas técnicas, Agrotécnicas e mais recentemente, nos Centros federais de Educação Tecnológica (Brasil, Lei nº 8.498 de 8 de dezembro de 1994).

O esforço público no sentido de preparar operários para o exercício profissional só se torna efetivo a partir de 1910, quando o ensino profissional passa a ser uma atribuição do Ministério da Indústria e Comércio, consolidando-se uma política de incentivo ao desenvolvimento do ensino industrial, comercial e agrícola.

O mundo dos negócios está mudando e a formação profissional precisa acompanhar estes avanços. O trabalho apoiado no emprego tem reduzido. Até porque o processo de industrialização assumiu novos padrões. No entanto muitas escolas ainda formam pessoas para esta realidade de emprego, que não existe mais (DORNELAS,2001).

Nossos jovens precisam aprender a desenvolver suas iniciativas empreendedoras, ferramentas capazes de driblar o tão concorrido mercado. E é aí que a figura do professor entra em cena, como principal colaborador deste processo.

Tais Leis Orgânicas mantinham o caráter dualista da educação ao afirmar como objetivo do Ensino Superior Normal: formar as elites do país. Cabendo ao Ensino Profissional oferecer formação adequada aos filhos dos operários, aos desvalidos da sorte e aos menos afortunados, aqueles que necessitam ingressar precocemente na força de trabalho.

Somente a partir do fim do Estado Novo, em 1945, com a entrada das massas no cenário político, que se tornou possível a quebra da estrutura dual. Uma série de Leis, decretos e portarias, de 1950 a 1960, constituiu um avanço na tentativa de unificação dos dois segmentos do sistema educacional. Essa unificação, entretanto, só se concretizaria no início dos anos 60.

As Leis nº 5.540/68 e 5.692/71, promulgadas num cenário marcado por pressões das camadas médias por educação, representariam uma estratégia governamental no sentido de conter a forte demanda por ensino superior. Nesse sentido, a Lei nº 5.692/71, em nome da necessidade de formação de técnicos de nível médio, atribui ao ensino de 2º grau um caráter de profissionalização compulsória. O fracasso da profissionalização universal compulsória do ensino do 2º grau culminou com a promulgação, em 1982 da Lei nº 7.044, que extinguiu a obrigatoriedade da habilitação profissional nesse nível de ensino.

2.2 A reforma do ensino dos anos 90

Na tentativa de uma escolaridade básica mais prolongada e a proposta de uma educação profissional mais abrangente e, portanto, para além do adestramento nas técnicas de trabalho. Uma outra tendência generalizada nas políticas de educação profissional refere-se à opção por uma organização curricular como foco no desenvolvimento de competências profissionais.

A atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) confirma essas tendências na medida em que afirma o propósito de estender ao público a obrigatoriedade de oferta de ensino médio com direito de cidadania.

Para Kuenzer (1995), no Brasil, sob recomendação do Banco Mundial o poder público deve priorizar investimentos no ensino fundamental de curta duração e baixo custo. No que concerne às ações de Educação Profissional, considerada processo prolongado e caro, a recomendação são de sejam repassadas, progressivamente, para a esfera privada.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB (Lei nº 9.394/96), promulgada em 20 de dezembro e o Decreto 2.208/97 de 17 de abril, instituiu as bases para a reforma do ensino profissionalizante, legitimando [...] um projeto não consensual, o qual de um lado, instaura o dissenso sobre a implantação e, de outro a desestruturação das redes de ensino preexistentes (MANFREDI, 2002).

Conforme preconiza o Decreto 2.208/97, a educação Profissional objetiva capacitar jovens e adultos com conhecimentos e habilidades gerais e específicas para o exercício de atividades produtivas, desenvolvida em articulação com o ensino regular ou em modalidades que contemplem estratégias da educação contínua abrangendo três níveis:

a) **básico** – destinado a trabalhadores, jovens e adultos, independentes de escolaridade anterior com cursos de curta e média duração, destinados a qualificar, re-qualificar e aperfeiçoar esses trabalhadores. O currículo desses cursos devem se adaptar às necessidades e especificidades do mercado de trabalho;

b) **técnico** – destinado àqueles matriculados ou egressos do ensino médio, com estrutura organizativa e curricular própria, independente do ensino médio, podendo ser oferecido de forma concomitante ou seqüencial a ele. Nesta, também, surgiu em 2006 a possibilidade de oferecer um curso profissional para quem esteja cursando a Educação de Jovens e Adultos – PROEJA (Programa de Educação para Jovens e Adultos). O que pode ocorrer na mesma instituição (integrado) ou em parceria com o Estado ou o Município. (Decreto nº 5154/2004).

c) **tecnológico** – correspondente ao nível superior na área tecnológica e destinada aos egressos de nível médio e/ou técnico.

A organização curricular passou a ser constituída de disciplinas, agrupadas por áreas e setores da economia, agrupadas também em módulos de caráter conclusivo e, ao final destes, certificação por competências.

Nesse contexto da reforma, a partir de 1996, as Escolas Técnicas federais passaram a oferecer um número maior de opções de cursos: Ensino Médio, Técnico, Superior

Tecnológico e Extraordinários (em parceria com empresas privadas). A educação foi verticalizada, ou seja, o aluno ao ingressar na escola, pode progredir em seus estudos, desde o Ensino Médio até o Ensino Superior.

Com essa organização, a educação profissional procura ajustar às demandas de um mercado de trabalho e as inovações tecnológicas a fim de proporcionar ao alunado acesso as novas tecnologias e ao ajustamento de um determinado conjunto de habilidades e competências através de apreensão de conhecimento, saber científico e tecnológico, do saber fazer, habilidades ou domínios operacionais e do saber ser, atitudes indispensáveis nas decisões.

Na percepção de Kuenzer (1995), os instrumentos legais que regulamentam a Educação Nacional, ao tratarem em separado o Ensino Básico e Médio e o Ensino Profissional, instituíram dois sistemas paralelos de educação no país. Desse modo, diz a autora, “restabelecem-se as duas trajetórias sem equivalência, negando-se a construção da integração entre educação geral e educação do trabalho, que vinha historicamente se processando nas instituições responsáveis pela educação profissional, certamente mais orgânica à nova realidade da vida social produtiva”.

2.3 O ensino por competências na Educação profissional

Na década de 60, em consequência de alguns trabalhos de Bloon surgiu um movimento chamado “Ensino baseado em competências”, que se fundamentava em cinco princípios (BRIGIDO, 2001, p. 04):

- 1- Toda a aprendizagem é individual.
- 2- O indivíduo, assim como qualquer sistema, é orientado por metas a serem atingidas.
- 3- O processo de aprendizagem é mais fácil quando o aluno sabe precisamente que se espera dele.
- 4- O conhecimento preciso dos resultados também favorece a aprendizagem.
- 5- É mais provável que o aluno faça o que se espera dele e o que deseja de si próprio, se ele tem a responsabilidade das tarefas de aprendizagem.

Iniciava-se então na Europa, nos anos 80, um processo de reformulação dos sistemas nacionais de formação profissional e de formação geral tendo como base o enfoque das competências, com objetivos de adequar a formação profissional aos requisitos da nova divisão internacional do trabalho, e de unificar os sistemas de formação profissional.

No Brasil o Decreto nº 2208/97 estabeleceu uma organização curricular para a educação educacional de nível técnico de forma independente e articulada ao ensino médio,

associada à formação técnica a uma sólida educação básica. Este nível de educação profissional deverá ser organizado com base nas competências profissionais necessárias para o desempenho eficiente e eficaz de atividades requeridas pela natureza do trabalho.

Na linguagem popular, o termo competência é usado como “ser capaz de fazer algo de modo bem feito”. Competência designa a faculdade concedida por lei a um funcionário, juiz ou tribunal, para apreciar e julgar certos pleitos e questões, a qualidade de quem é capaz de apreciar e resolver determinado problema, de fazer alguma coisa com capacidade, aptidão e idoneidade (FERREIRA, 1986).

Segundo Perrenoud (1999), a competência pode ser uma capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles.

Já Zarifian apud Deluiz (2001), define competência como a capacidade de enfrentar – com iniciativa e responsabilidade, guiada por uma inteligência prática do que está acontecendo e com capacidade para coordenar-se com outros agentes para mobilizar suas capacidades – situações e conhecimentos próprios de um campo profissional.

Entretanto, Dolz apud Depresbiteris (2005), nos alerta de que a competência pode enfraquecer os sistemas de qualificação e individualizar a formação dos reconhecimentos profissionais em detrimento de sistemas coletivos negociados.

Os especialistas em Ciências Sociais utilizam a palavra quase sempre no plural – competências – designando os conteúdos particulares de cada qualificação profissional em uma determinada organização de trabalho. Para os psicólogos, a palavra competência vem no singular, indicando um comportamento que é equivalente à uma capacidade ou habilidade, muitas vezes uma aptidão. Um significado, raramente usado para o termo competência, é o que expressa oposição, conflito, luta.

Para Deluiz (2001), a qualificação real dos trabalhadores é muito mais difícil de ser observada e constitui-se mais no "saber-ser" do que no "saber-fazer". O conjunto de competências posto em ação em uma situação concreta de trabalho, a articulação dos vários saberes oriundos de várias esferas (formais, informais, teóricos, práticos,) para resolver problemas e enfrentar situações de imprevisibilidade, a mobilização da inteligência para fazer face aos desafios do trabalho constituem características desta qualificação real.

Machado apud Depresbiteris (2005), nos auxilia a compreender mais essa interpretação do termo, recorrendo ao latim: apesar de competir vir de *com + petere*, que significa buscar junto com; no latim tardio, o que passou a prevalecer é a idéia de

competência como a de *disputar junto com*.

Para Cardinet apud Depresbiteris (2005), competência é um conjunto de capacidades e conhecimentos organizados para realizar uma tarefa ou um conjunto de tarefas, satisfazendo exigências sociais precisas.

Enquanto que Irigoin apud Depresbiteris (2005, p. 02), na dimensão profissional traz as seguintes definições de competência:

- a) Competência é a construção social de aprendizagens significativas e úteis para o desempenho produtivo, em uma situação real, que se obtém não só por meio da instrução, como também, e em grande medida, por meio da aprendizagem em situações concretas de trabalho;
- b) Competência é um conjunto identificável e avaliável de conhecimentos, atitudes, valores e habilidades, relacionados entre si, que permitem desempenhos satisfatórios em situações reais de trabalho, segundo padrões utilizados na área ocupacional.

É aceitável então dizer que o profissional deve não somente saber executar o que é prescrito, mas deve ir além. Deve criar soluções diante das situações-problema. Sabemos que entender um conceito é apenas uma fase do processo.

Portanto, tendo em vista as grandes transformações por que passam à sociedade e o mundo de trabalho, impõe-se como desafio aos estudiosos, aos formadores e gerentes de recursos humanos, buscarem referenciais que possibilitem o entendimento de quais competências, quais conteúdos e quais mecanismos devem ser articulados para que os futuros profissionais possam estar inseridos nesse contexto.

2.4 Empreendedor / empreendedorismo: a evolução de um conceito

O mundo tem passado por várias transformações em curtos períodos de tempo, principalmente no século XX, quando foi criada a maioria das invenções que revolucionaram o estilo de vida das pessoas. Geralmente essas invenções são frutos de inovação, de algo inédito ou de uma nova visão de como utilizar coisas já existentes, mas que ninguém anteriormente ousou olhar de outra maneira.

Por trás dessas invenções, existem pessoas ou equipes de pessoas com características especiais, que são visionárias, que questionam, que arriscam, que querem algo diferente, que fazem acontecer, que empreendem (DORNELAS, 2001).

Nos estudos e pesquisas realizados sobre o fenômeno do empreendedorismo, observa-se que não há consenso entre estudiosos e pesquisadores quanto a exata definição do conceito de empreendedor (GUIMARÃES et al, 2006).

Os mesmos autores afirmam que as dificuldades encontradas para o estabelecimento desta conceituação são decorrentes da própria evolução do fenômeno, bem como de concepções errôneas postuladas principalmente pela mídia e pelo senso comum que acabam distorcendo alguns conceitos.

Segundo Andrade (2005), cabe à escola explicitar a sua função social e sua proposta educativa, indicando com clareza o perfil do cidadão que deseja preparar.

O momento é de incerteza quanto às relações de trabalho. Sabe-se que as oportunidades de emprego formal decrescem a cada dia, mas o que dizer do trabalho? As áreas de atuação são inúmeras, as fronteiras entre as profissões são cada vez mais tênues e a diversidade de relações de troca confunde e exige reposicionamento constante. A alienação e a negação são o caminho mais escuro para a exclusão. A maior parte das instituições de ensino ainda não compreendeu que cada nova lógica de trabalho requer uma nova postura e uma nova educação (BRESSA, 2005 apud ANDRADE, 2005, p. 01).

O que se percebe por um momento é que há certa crise educacional no sistema escolar. Houve-se esta pergunta: que tipo de profissionais nossas escolas de ensino profissional estão formando e para que tipo de trabalho?

Nesse contexto, que os jovens crescem e ingressam no mercado de trabalho. Há pouca clareza quanto ao rumo que querem dar às suas vidas. O processo de escolha vocacional e profissional, em geral não se baseia no auto-conhecimento, na percepção da realidade e na análise das forças que determinam a escolha. O que se observa hoje é que a escolha da profissão, na maioria das vezes se restringe a um pensar urgente às vésperas da decisão por um curso universitário ou técnico, ou à porta do primeiro emprego, enquanto, deveria estar inserida na formação do aluno, desde a quinta série, integrada ao processo educacional, como informação profissional, como discussão coletiva presente nas atividades práticas. Problemas como evasão da escolas, desistência e troca de cursos apontam para a escolha mal feitas, baseadas mais em medos que em desejos e sonhos. (ANDRADE, 2005, p. 02).

O emprego, no sentido comumente aplicado, tende a se extinguir. No entanto, o momento é também de mudanças que favorecem grandes oportunidades, demonstrando que o desenvolvimento de um espírito empreendedor se faz cada vez mais necessário (GUIMARÃES et al, 2006).

A criação do próprio negócio surge como uma das alternativas ao emprego incerto. Não só por uma conjuntura sócio-econômica que faz com que o desenvolvimento de novos negócios seja uma necessidade ou uma alternativa ao desemprego, mas, também, pelo sonho de ter o próprio negócio (GUIMARÃES et al, 2006)

Segundo Einstein apud Andrade (2005, p. 02) “não basta ensinar ao ser humano uma

especialidade, porque se tornará assim uma máquina utilizável e não uma personalidade. É necessário que adquira um sentimento, um senso prático daquilo que vale a pena ser empreendido, daquilo que é belo, do que é moralmente correto”.

O conceito de empreendedorismo tem sido muito difundido no Brasil, nos últimos anos, intensificando-se no final da década de 1990. Existem vários fatores que talvez expliquem esse repentino interesse pelo assunto, já que, principalmente nos Estados Unidos, país onde o capitalismo tem sua principal caracterização, o termo *entrepreneurship* é conhecido e referenciado há muitos anos, não sendo, portanto, algo novo ou desconhecido.

No Brasil, a preocupação com a criação de pequenas empresas duradouras e a necessidade da diminuição das altas taxas de mortalidade desses empreendimentos são, sem dúvida, motivos para a popularidade do termo empreendedorismo (DORNELAS, 2001).

“O empreendedorismo é uma revolução silenciosa, que será para o século XXI mais do que a Revolução Industrial foi para o século XX” (JEFERRY TIMMONS apud DORNELAS, 2001, p. 19).

Dolabela (2006) faz uma série de perguntas muito interessantes: o que é um empreendedor? Como defini-lo? O que significa o termo “empreendedorismo”? E para que serve em tais conceitos e definições? É através do entendimento delas que cada indivíduo pode desenvolver seu potencial empreendedor.

Nos estudos e pesquisas realizados sobre o fenômeno do empreendedorismo, observa-se que não há consenso entre os estudiosos e pesquisadores quanto à exata definição do conceito de empreendedor (GUIMARÃES et al, 2006).

Guimarães et al, (2006) dizem que as dificuldades encontradas para o estabelecimento desta conceituação são decorrentes da própria evolução do fenômeno, bem como de concepções errôneas postuladas principalmente pela mídia e pelo senso comum que acabam por obscurecer e distorcer alguns conceitos.

Guimarães et al, (2006) declaram que o termo empreendedor foi utilizado pela primeira vez por volta de 1800 por Jean Baptiste Say, economista francês, com o intuito de distinguir o indivíduo que consegue transferir recursos econômicos de um setor com baixa produtividade para um setor com produtividade elevada.

Somente com Schumpeter (1934), é que a conotação de *empreendedor* adquiriu um novo significado, ao se tornar *o responsável pelo processo de destruição criativa*, sendo o impulso fundamental que aciona e mantém em marcha o motor capitalista (GUIMARÃES et al, 2006).

Schumpeter apud Garcia (2000), insistem em enfatizar que o empreendedor é o

homem que realiza coisas novas e não, necessariamente, aquele que inventa.

Um dicionário de Ciências Sociais de 1964 declara que: o termo empreendedor denota a pessoa que exercita total ou parcialmente as funções de iniciar, coordenar, controlar e instituir mudanças no negócio da empresa (GARCIA, 2000).

Baumol apud Garcia (2000), através de suas pesquisas dizem que o empreendedor é ao mesmo tempo um dos mais intrigantes e um dos mais ardilosos personagens no elenco que constitui o sujeito da análise econômica, determinando até mesmo o comportamento da empresa.

Para Schuwarts apud Garcia (2000), empreendedor é um inventor, um mercador, ou simplesmente alguém que busca independência, que usa uma oportunidade para desenvolver seus talentos para fundar uma nova companhia.

Para Burch apud Garcia (2000), empreendedorismo é a ação de ser empreendedor (empreendedor, empresário), uma derivação do termo francês *entreprendre*, cujo significado é empreendedor, perseguir oportunidades, satisfazer necessidades e desejos através de negócios novos.

O empreendedor é aquele que sabe imaginar novamente, tem uma grande confiança em si mesmo, é entusiasta, tenaz, ama resolver problemas, ama dirigir, combate a rotina, evita constrangimentos (JULIEN apud GARCIA, 2000).

Para Filion apud SEBRAE (2000), nos dá de entender que um empreendedor é uma pessoa imaginativa, caracterizada pela capacidade de fixar metas para si e alcançá-las. Ele manifesta perspicácia para detectar oportunidades e aprende com este tema, tomando decisões relativamente moderadas, mas sempre com o objetivo de inovar.

Para Guimarães et al (2006) o empreendedor é um agente fundamental, pois engendra impactos na economia, ao quebrar antigos padrões e criando, constantemente, novos produtos, novos métodos de produção, novos mercados e, implacavelmente, sobrepondo-se aos antigos métodos menos eficientes e mais caros.

Empreendedor é alguém que sonha e busca transformar seu sonho em realidade (DOLABELA, 2006). Para Filion apud Dolabela, 2006, p.25) “um empreendedor é uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões”.

Dolabela (2006), afirma que empreendedorismo é uma livre tradução que se faz da palavra *entrepreneurship*, que contém as idéias de iniciativa e inovação. É um termo que implica uma forma de ser, uma concepção de mundo, uma forma de se relacionar.

No dicionário Aurélio da língua portuguesa, empreendedor quer dizer pessoa que se aventura à realização de coisas difíceis ou fora do comum.

Empreendedor é aquele que faz as coisas acontecerem, se antecipa aos fatos e tem uma visão futura da organização (DORNELAS, 2001).

No mundo dos negócios, empreendedorismo abrange uma área de grande alcance e lida com outros temas além da criação de empresas, tais como geração de auto-emprego, empreendedorismo comunitário. (DOLABELA, 1999).

Há ainda espaço para uma variedade considerável de diferentes tipos de empreendedores, incluindo os seguintes: indivíduo que trabalha por conta própria (somente); formador de time; inovadores independentes; multiplicadores de modelos; exploradores de economia de escala; agregadores de capital; aquisitores; artistas de “compra-venda”; conglomerados; aparentes manipuladores de valores (GARCIA, 2000).

2.5 O ensino do empreendedorismo

Dornelas (2001, p. 38), faz o seguinte questionamento: “É possível ensinar empreendedorismo”? O autor declara que até alguns anos atrás, acreditava-se que o empreendedor era nato, que nascia com um diferencial e era predestinado ao sucesso nos negócios. Havia desprezo no meio das pessoas que não tivessem tais características e eram desencorajadas a empreender.

O mundo dos negócios está mudando e a formação profissional precisa acompanhar estes avanços. O trabalho apoiado no emprego tem reduzido. Até porque o processo de industrialização assumiu novos padrões. No entanto muitas escolas ainda formam pessoas para esta realidade de emprego, que não existe mais (DORNELAS,2001).

Nossos jovens e até mesmo os adultos precisam aprender a desenvolver suas iniciativas empreendedoras, ferramentas capazes de driblar o tão concorrido mercado. E é aí que a figura do professor entra em cena, como principal colaborador deste processo.

Deve-se entender quais são os objetivos do ensino de empreendedorismo, pois os cursos podem diferir de universidade para universidade ou escola técnica.

Qualquer curso de empreendedorismo deveria focar: na identificação e no entendimento das habilidades do empreendedor; em como ocorre a inovação e o processo empreendedor; na importância do empreendedorismo para o desenvolvimento econômico; em como preparar e utilizar um plano de negócio; e em como gerenciar a fazer a empresa crescer (DORNELAS,2001).

Cada vez mais se percebe que o processo empreendedor pode e é ensinado, também ao

negócio entendido por qualquer pessoa e que o sucesso é decorrente de uma gama de fatores internos e externos, do perfil do empreendedor e de como ele administra as adversidades que encontra no dia-a-dia de seu empreendimento.

O fator cultural e histórico tem uma importante definição no espírito empreendedor de cada país. O fato é que existe uma vocação muito forte para o empreendedorismo no Brasil, mas ao que parece ainda não se sabe muito bem como reduzir ou evitar que uma enorme quantidade de empresas pare precocemente (GUIMARÃES et al, 2006).

O empreendedorismo é um fenômeno cultural, ou seja, empreendedores nascem por influência do meio em que vivem. Pesquisadores mostram que os empreendedores têm sempre um modelo, alguém que os influencia (DOLABELA, 2006).

Dolabela (2006, p. 51) relaciona dez razões sobre o porquê estudar empreendedorismo:

Razão 1 – A alta taxa de “mortalidade infantil” das empresas. Sendo que a criação de empresas é indispensável ao crescimento econômico e ao desenvolvimento social.

Razão 2 – Mudanças nas relações de trabalho vista a olho nu nas últimas décadas. O emprego dá lugar a novas formas de participação. A tradição do nosso ensino, de formar empregado de nível universitários e profissionalizantes, não é mais compatível com a organização da economia mundial da atualidade.

Razão 3 - Exige-se hoje, mesmo para aqueles que vão ser empregados, um alto grau de “empreendedorismo”“.

Razão 4 – A metodologia de ensino tradicional não é adequada para formar empreendedores.

Razão 5 – Nossas instituições de ensino estão distanciadas dos “sistemas de suporte”, isto é, empresas, órgãos públicos, financiadores, etc.

Razão 6 – Cultura. Os valores do nosso ensino não sinalizam para o empreendedorismo.

Razão 7 – A percepção da importância da pequena e média empresa para o crescimento econômico ainda é insuficiente.

Razão 8 – A cultura da “grande empresa”, que predomina no ensino. Não há hábito de abordar a pequena empresa.

Razão 9 – Ética. Uma grande preocupação no ensino do empreendedorismo são os aspectos éticos que envolvem as atividades do empreendedor.

Razão 10 – Cidadania. O empreendedor deve ser alguém que apresente alto comprometimento com o meio ambiente e com a comunidade, dotado de forte consciência social.

O ensino do empreendedorismo durante a formação de um novo profissional tem sido considerado pelos especialistas como vital para o seu sucesso, principalmente se ele for

egresso das escolas ditas de massa. Estas instituições concebem seu projeto pedagógico baseado em novos paradigmas educacionais e no desenvolvimento das competências para o trabalho, considerando todas as peculiaridades e incertezas da sociedade do século XXI.

O mundo dos negócios está mudando e a formação profissional precisa acompanhar estes avanços. O trabalho apoiado no emprego tem reduzido. Até porque o processo de industrialização assumiu novos padrões. No entanto muitas escolas ainda formam pessoas para esta realidade de emprego, que não existe mais (DORNELAS,2001).

Nossos jovens precisam aprender a desenvolver suas iniciativas empreendedoras, ferramentas capazes de driblar o tão concorrido mercado. E é aí que a figura do professor entra em cena, como principal colaborador deste processo.

No ano de 2004 o Ministério do Trabalho e Emprego, em parceria com o Sebrae, iniciou o Programa Jovem Empreendedor, com o objetivo de capacitar jovens na faixa etária de 16 a 24 anos para desenvolver atividades empreendedoras. O Programa Jovem Empreendedor é uma ação no âmbito do Programa Primeiro Emprego, que busca estimular o surgimento de pequenos negócios de jovens, com vistas à criação de oportunidades de ocupação e renda, tendo o Sebrae como o parceiro responsável por capacitar, elaborar Planos de negócios e assessorar os jovens empreendedores.

O público alvo são jovens de 16 a 24 anos, em situação de desemprego, integrantes de famílias com renda mensal per capita de até meio salário mínimo, que estejam freqüentando regularmente estabelecimento de ensino fundamental ou médio.

O referido Programa tem como objetivo criar oportunidades de geração de ocupação e renda para jovens de camadas menos favorecidas da população, através do estímulo ao desenvolvimento de pequenos negócios.

Ligados a essas mudanças e a necessidade de incentivar e semear o empreendedorismo, os professores podem unir forças para levar estes conceitos para a sala de aula, esta prática deve passar por todas as áreas de conhecimentos: ciências humanas, agrárias, exatas, sociais, entre outras. Neste processo, os professores exercem um papel importante. É na sala de aula que esse estímulo acontece. Além de formador inserir em sua prática a disciplina de empreendedorismo.

Programa Jovens Empreendedores - Primeiros Passos ganha espaço na rede pública de ensino em Barra do Pirai, no Estado do Rio de Janeiro. Destinado a desenvolver o potencial empreendedor em crianças e jovens de 7 a 14 anos, estudantes da primeira a oitava série do Ensino Fundamental, que foi adotado em 2004 como piloto na escola Gay Lussac, em Niterói. Inicialmente estão sendo beneficiadas seis escolas, 15 turmas e, aproximadamente, 450 alunos

(SEBRAE, 2006).

Portanto, o ensino de empreendedorismo é possível, o segredo do aprender a empreender está no próprio aluno, desenvolver suas características e habilidades. Convém lembrar que características e habilidades só têm uma maneira para desenvolvê-las, é colocá-las em prática (PAVANI, 2006).

É interessante lembrar que, em 1975, nos EUA, cinquenta instituições universitárias ministravam aulas de empreendedorismo, sendo que em 1998 já eram mais de mil. Hoje, o ensino de empreendedorismo no primeiro grau tornou-se obrigatório em cinco estados americanos (TERRA, 2006).

3 METODOLOGIA

Metodologia Científica significa, etimologicamente, o estudo dos caminhos, dos instrumentos usados para fazer pesquisa científica, os quais respondem o como fazê-la de forma eficiente (TEIXEIRA, 2007).

O mesmo autor ainda afirma que a metodologia é uma disciplina normativa definida como o estudo sistemático e lógico dos princípios que dirigem a pesquisa científica, desde suposições básicas até técnicas de indagação; tendo o cuidado de não confundir-la com teoria, pois só se interessa pela validade e não pelo conteúdo, nem pelos procedimentos (métodos e técnicas), à medida que o interesse e o valor destes, está na capacidade de fornecer certos conhecimentos.

A metodologia é a explicação minuciosa, detalhada, rigorosa e exata de toda a ação desenvolvida no método (caminho) do trabalho da pesquisa. É a explicação do tipo de pesquisa, do instrumental utilizado, do tempo previsto, da equipe de pesquisadores e da divisão do trabalho, das formas de tabulação e tratamentos de dados (BELLO, 2004).

Para Ferreira (1986), metodologia é a arte de dirigir o espírito na investigação da verdade.

Metodologia é o tratado dos métodos, e esse, é a ordem que se segue na investigação da verdade, no estudo de uma ciência ou para alcançar determinado fim, raciocínio utilizado para se chegar ao conhecimento (BUENO apud ZUANY, 2006).

A função da metodologia é mostrar ao pesquisador como andar no “caminho das pedras” da pesquisa, é ajudar o pesquisador a refletir e instigar um novo olhar sobre o mundo: um olhar curioso, indagador e criativo (SILVA apud ZUANY, 2006).

Marconi e Lakatos (2003), definem o método científico como o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permitem alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros - traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.

Estranhamente, a pesquisa qualitativa, assim como a pesquisa quantitativa, teve seus antecedentes nas ciências naturais e na filosofia (DIAS, 2000).

De acordo com Dias (2000), Newton, renomado matemático, utilizou abordagem qualitativa para demonstrar o efeito prisma do espectro luminoso. Darwin estabeleceu a teoria da evolução das espécies a partir de observações das diferenças entre espécies da vida selvagem e análise de dados puramente qualitativos, sem qualquer esforço de medir essas

diferenças.

Talvez a melhor maneira de entender o que significa pesquisa qualitativa é determinar o que ela não é. Ela não é um conjunto de procedimentos que depende fortemente de análise estatística para suas inferências ou de métodos quantitativos para a coleta de dados (GLAZIER apud DIAS, 2000).

A metodologia quantitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento (MARCONI; LAKATOS, 2006).

Na metodologia quantitativa, os pesquisadores veem-se de amostras amplas e de informações numéricas, sendo desta forma caracterizada pelo emprego da quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações quanto no tratamento delas por meio estatísticas, desde as mais simples como percentual, média, desvio-padrão, às mais complexas como coeficiente de correlação, análise de regressão entre outras (MARCONI; LAKATOS, 2006).

Para Günther (2006), a pesquisa qualitativa é uma ciência baseada em textos, ou seja, a coleta de dados produz textos que nas diferentes técnicas analíticas são interpretadas hermeneuticamente.

Estudos quantitativos geralmente procuram seguir com rigor um plano previamente estabelecido, baseado em hipótese claramente indicadas e variáveis que são objeto de definição operacional (NEVES, 1996).

Para Günther (2006), uma distinção acentuada entre a pesquisa qualitativa e a pesquisa quantitativa diz respeito à interação dinâmica entre pesquisador e o objeto de estudo. No caso da pesquisa quantitativa, dificilmente se escuta o participante após a coleta de dados.

Uma primeira distinção entre pesquisa qualitativa e a pesquisa quantitativa refere-se ao fato de que a pesquisa qualitativa há aceitação explícita da influência de crenças e valores sobre a teoria, sobre a escolha de tópicos de pesquisa, sobre método e sobre interpretação de resultados. Já a pesquisa quantitativa, crenças e valores pessoais não são consideradas fontes de influência no processo científicas (GÜNTHER, 2006).

De acordo com Neves (1996), a pesquisa qualitativa costuma ser direcionada, ao longo de seu desenvolvimento; além disso, não busca enumerar ou medir eventos e, geralmente, não emprega instrumental estatístico para análise de dados. Dela faz parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo.

Compreender e interpretar fenômenos, a partir de seus significantes e contexto são

tarefas sempre presentes na construção de conhecimento. Desse modo, considera-se vantajoso o emprego de métodos que auxiliem a perceber os problemas de forma mais abrangente; métodos que supõem contato direto com o objeto de análise e que forneçam um enfoque diferenciado para que se compreenda a realidade (ZUANY, 2006).

O presente trabalho será elaborado utilizando-se da seguinte metodologia: em virtude da necessidade de uma fundamentação teórica, numa primeira fase foi realizada pesquisa bibliográfica sobre o objeto de estudo, através de coleta de dados em livros, revistas especializadas, artigos científicos e bancos de dados disponíveis na Internet.

A segunda fase constou de uma pesquisa exploratória qualitativa e quantitativa, com aplicação de questionário com perguntas abertas e fechadas, envolvendo alunos egressos dos Cursos Técnicos do Colégio Agrícola de Camboriú e que são empreendedores em diversas áreas da cadeia produtiva localizados principalmente no Estado de Santa Catarina e Paraná.

3.1 População Amostra

População ou universo diz respeito a um conjunto de todos os elementos onde, cada um deles, apresenta uma ou mais características em comum. Quando se extrai um conjunto de observações da população, ou seja, toma-se parte desta para a realização do estudo, tem-se a amostra (LAVADO; CASTRO, 2001).

No Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa lemos que: “população é um conjunto, finito ou infinito cujas propriedades se investigam por meio das de subconjuntos que lhes pertencem” (FERREIRA, 1986, p. 1365).

De acordo com Silva e Meneses (2001, p.32), população ou universo da pesquisa “é a totalidade de indivíduos que possuem as mesmas características definidas para um determinado estudo”, sendo a amostra parte dessa população ou universo, selecionada de acordo com uma regra ou plano, podendo ser probabilística e não-probabilística.

Amostragem probabilística: Para Mattar (2001) é aquela em que cada elemento da população tem uma chance conhecida e diferente de zero de ser selecionado para compor a amostra.

Amostragem não probabilística: O mesmo autor nos dá de entender que é aquela em que a seleção dos elementos da população para compor a amostra depende ao menos em parte do julgamento do pesquisador ou do entrevistador no campo. Não há nenhuma chance conhecida de que um elemento qualquer da população venha a fazer parte da amostra.

As amostras não-probabilísticas podem ser:

Amostragens acidentais: compostas por acaso, com pessoas que vão aparecendo;

Amostragens por quotas: diversos elementos constantes da população/universo, na mesma proporção;

Amostragens intencionais: escolhidos casos para a amostra que representem o “bom julgamento” da população/universo.

Nesta pesquisa, optou-se pela amostra não-probabilística acidental composta por acaso, de pessoas que vão aparecendo, ou seja, de egressos empreendedores do Colégio Agrícola de Camboriú. Esta amostra foi composta de 32 alunos egressos do Colégio Agrícola de Camboriú identificados através de contatos junto a professores da escola, alunos em curso, familiares e amigos que informaram endereços destes alunos que comprovadamente atuavam de forma empreendedora.

É importante pesquisar entre os empreendedores egressos do Colégio Agrícola de Camboriú, qual a visão que eles têm sobre empreendedorismo, como descobriram a oportunidade e a necessidade de empreender, quais as características empreendedoras que eles consideram mais importantes para solucionar os seus problemas de gestão, quais são os fatores dificultadores na gestão de suas empresas, quanto o conhecimento adquirido durante sua formação técnica no Colégio Agrícola de Camboriú contribuiu para a implantação de seu negócio, quais os conteúdos/informações que o Colégio Agrícola de Camboriú poderia ter fornecido para facilitar o ato de empreender, enfrentar desafios e oportunidades e quais as competências que poderão gerar melhores resultados para suas empresas.

3.2 Coleta de dados

Para Silva e Menezes (2001, p. 33-34), “questionário é uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante”. Deve ser objetivo e pode ser de perguntas abertas (qual a sua opinião?), fechadas (duas escolhas: sim ou não), e de múltiplas escolhas (fechadas com uma série de respostas possíveis).

A coleta de dados se deu através da aplicação de um questionário, contendo questões pré-elaboradas com perguntas abertas e fechadas, sistemática e sequencialmente dispostas em itens que constituem o tema da pesquisa, com o objetivo de suscitar dos informantes respostas claras que tanto informariam, quanto esclareceriam hipóteses sobre o objetivo da pesquisa (APÊNDICE A).

O questionário foi aplicado a um grupo de empreendedores egressos do Colégio Agrícola de Camboriú. A entrega do material foi realizada pessoalmente para cada respondente e foi devolvido conforme prazos por eles determinados. O questionário foi

aplicado nos meses de junho, julho e agosto de 2007.

O questionário em sua primeira parte trata da caracterização do empreendedor onde registrou nome do entrevistado, qual curso concluiu no Colégio Agrícola de Camboriú (CAC), ano de formação, se possui formação superior, nome da empresa, ramo de negócio, quanto tempo já atua no mercado, se possui sócio(s), em caso positivo qual grau de parentesco, se já trabalhou como empregado e por fim se já empreendeu em outro(s) negócio.

A segunda parte do questionário registra sobre a visão empreendedora sendo composto de seis perguntas, das quais duas abertas que abordam o significado de empreendedorismo e como e quando o egresso empreendedor descobriu a oportunidade e/ou necessidade de empreender.

A terceira pergunta solicitou ao entrevistado que assinalasse as características empreendedoras consideradas mais importantes para administrar seu negócio. As características empreendedoras elencadas ao entrevistado foram: liderança, comprometimento e determinação, criatividade, autoconfiança, habilidade, capacidade de adaptação, inovação, motivação e superação, propensão de assumir riscos, iniciativa e ação e orientação a metas.

A quarta questão fechada avaliou se as dificuldades encontradas pelo empreendedor egresso ao implantar o seu negócio foram maiores ou menores. O critério utilizado para fazer essa avaliação foi: Muito, Pouco e Nada.

A quinta pergunta solicitou ao entrevistado que assinalasse os fatores dificultadores na gestão de sua empresa, sendo elencados os seguintes: falta de planejamento, aquisição de matérias-primas, desconhecimentos de técnicas para resolução de problemas, equipamentos e máquinas de baixa tecnologia, desconhecimento de processos e novas tecnologias, estabelecimentos de preços dos produtos, gerenciamento de vendas, administração de pessoal, saber ouvir e captar informações, nível de formação profissional dos colaboradores e falta de capital.

Na sexta pergunta da segunda parte do questionário foi perguntado ao entrevistado em qual nível de visão empreendedora ele se colocaria numa escala de 1 a 10. O critério utilizado para fazer essa avaliação foi: pouco empreendedor – valor: 1 a 5 e muito empreendedor – valor: 6 a 10.

Na terceira parte do questionário foi perguntado aos atores pesquisados sobre a formação educacional e a atuação profissional, sendo esta parte composta de cinco perguntas, ou seja, indo da pergunta de número 7 até a de número 11 do questionário.

A questão de número sete de caráter fechado solicitou aos atores pesquisados declarar se já pensavam em seu próprio empreendimento ainda como aluno do Colégio Agrícola de

Camboriú.

A pergunta de número oito solicitava aos atores pesquisados que declarassem quais foram às contribuições mais significativas que o conhecimento adquirido no Colégio Agrícola de Camboriú contribuiu para a implantação do seu negócio.

Na questão de número nove foi solicitado aos entrevistados declarar sobre se ser egresso de um curso técnico, agregou mais pontos fortes ou, mais pontos fracos, na sua visão, para o seu empreendimento.

Já na questão de número dez foi solicitado aos atores pesquisados se o Colégio Agrícola de Camboriú poderia ter fornecido melhores meios para facilitar o ato de empreender, enfrentar desafios e oportunidades, descrevendo pontos fracos e fortes.

Finalizando o questionário foi disponibilizado aos atores pesquisados espaço para fazerem algum comentário de caráter geral.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Caracterização do empreendedor

Através da tabulação dos dados obtidos junto aos entrevistados, foi possível caracterizar o perfil dos egressos empreendedores pesquisados onde são apuradas questões relativas a esses atores tais como idade, gênero, curso concluído no Colégio Agrícola de Camboriú (CAC), se possui formação superior, ramo do seu negócio, há quanto tempo está no mercado, se possui sócio(s), se já trabalhou como empregado e se já empreendeu em outro negócio entre outros.

A figura 01 retrata a idade da amostra entrevistada com classificação de classes a cada 10 anos e respectivos percentuais onde se pode observar os seguintes resultados:

- 13% dos entrevistados apresentarem idade inferior a 20 anos;
- 25% possui entre 21 e 30 anos;
- 28% possui entre 31 e 40 anos;
- 25% possui entre 41 e 50 anos e
- 9% apresentam idade acima de 50 anos.

Através da observação destes resultados, pode-se perceber que o número de egressos do Colégio Agrícola de Camboriú, com menos de 20 anos e com mais de 50 ainda, é de pouca expressão como empreendedores e a grande maioria situa-se entre 21 e 50 anos.

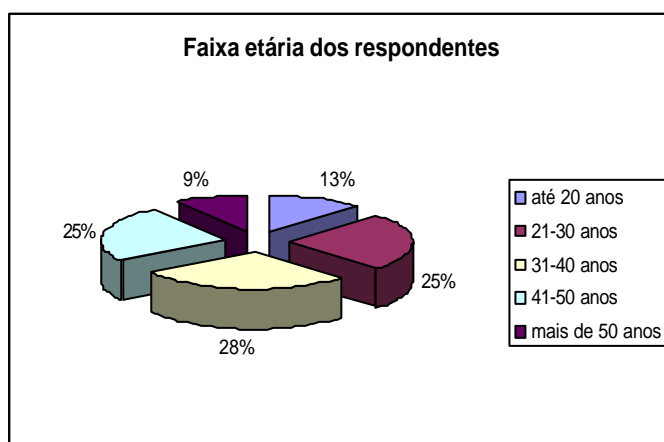


Figura 01: Faixa etária dos respondentes

Com relação ao gênero, observou-se o seguinte:

- 97% pertencem ao sexo masculino;
- 3% pertencem ao sexo feminino.

Segundo levantamento feito junto à Secretaria Escolar da instituição, a predominância de egressos do sexo masculino retrata uma tendência de procura ocorrida nas décadas de 1970 a meados da década de 1990 pela população masculina. O incremento pela procura por parte do sexo feminino pelo acesso ao Curso Técnico no Colégio Agrícola de Camboriú (CAC) começou a partir do ano de 1996 aproximadamente. Desta data em diante o aumento foi significativo, sendo que nos dias atuais este percentual chega a alcançar cifras acima dos 20%.

4.1.1 Formação acadêmica e técnica

Com relação ao item qual curso os egressos empreendedores concluíram no Colégio Agrícola de Camboriú, observou-se os seguintes resultados:

- 100% dos pesquisados concluíram o Curso Técnico em Agropecuária.

Isso é facilmente explicado pelo fato de que os outros cursos técnicos só foram implementados recentemente no CAC, como Técnico em Meio Ambiente em 2002, Técnico em Informática em 2004, Técnico em Transações Imobiliárias em 2005 e Turismo e Hospitalidade a partir de 2008 e que, pelo pequeno número de egressos destes mesmos cursos mais recentes, optamos por dirigir a pesquisa somente aos egressos do Curso Técnico em Agropecuária.

Sobre o ano de formação dos egressos empreendedores questionados foram apuradas as seguintes informações:

- 4,0% dos entrevistados na década de 1960;
- 9,0% na década de 1970;
- 28% na década de 1980;
- 28% na década de 1990 e
- 31%) na década de 2000.

Buscou-se também avaliar o grau de formação atual dos egressos, onde se detectou o seguinte:

- 34% possuem curso superior;
- 66% possuem somente o curso técnico.

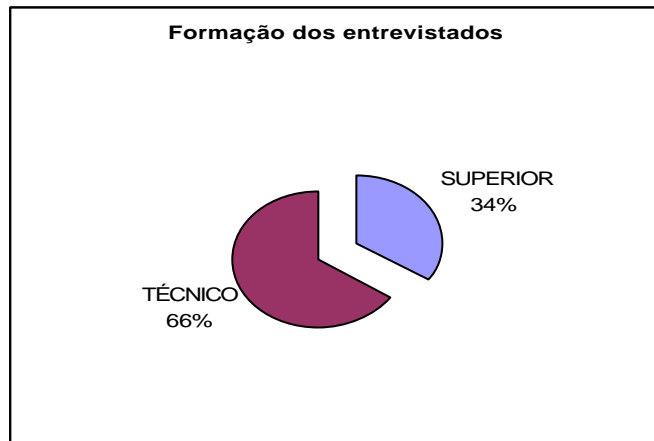


Figura 02: Formação dos egressos

A predominância de egressos sem curso superior (66%), faz perceber que houve uma tendência da busca pela atuação profissional destes autores pesquisados, por vários fatores e motivos conforme depoimentos coletados através de entrevistas informais com alguns respondentes que abaixo seguem:

Logo que me formei iniciei meu negócio, aproveitando a oportunidade vinda do próprio colégio, envolvendo-me todas as horas que pude não sobrando tempo para cursar faculdade (Egresso empreendedor do ramo de produção de mudas de flores – 37 anos de idade).

Assim que me formei, iniciei meu negócio de produção e venda de mudas de hortaliças em um terreno que tenho na cidade de Balneário Camboriú. Pouco tempo depois casei juntando com a falta de capital aí mesmo que não consegui mais fazer faculdade, mesmo tendo vontade (Empreendedor do ramo de produção e venda de mudas de hortaliças – 38 anos de idade).

Trabalhei um tempo com minha família na agricultura, vindo depois disto o desejo de ter meu próprio negócio. Abri então uma das primeiras agropecuárias no município de Camboriú em um pequeno espaço alugado juntamente com meu irmão mais novo. Deu certo, começamos a crescer e isso fez que eu me envolvesse muito com a administração não sobrando mais tempo para cursar faculdade (Empreendedor do ramo agropecuário – 43 anos de idade).

Eu sempre quis trabalhar com confecções e envolver-me com o atendimento ao público. Ao perceber que estou mais ou menos estabilizada no negócio que tenho, certamente irei cursar a faculdade de Design de Moda que tanto almejo, por enquanto não dá (Egressa empreendedora do ramo do comercio geral – 25 anos de idade).

Quando saí do Colégio Agrícola de Camboriú com formação técnica, imediatamente fiz parceria com um professor da própria instituição no ramo de produção e comercialização de hortaliças para a cidade de Balneário Camboriú e cidades vizinhas. Passado determinado tempo abrimos a sociedade a montei meu próprio negócio. Todo esse envolvimento custou-me tempo e dinheiro, não conseguindo envolver-me com nenhum curso superior até hoje (Egresso empreendedor do ramo de produção e venda de mudas de hortaliças – 43 anos de idade).

Os dados acima comprovam o que o Global Entrepreneurship Monitor (2003) afirma, ou seja, que tanto em países de renda média quanto nos países de renda alta, pessoas com educação superior envolvem-se mais com atividades empreendedoras de estágio inicial. Nos nossos resultados, há uma baixa percentagem de empreendedores com curso superior já que o Brasil pode ser considerado um país com renda *per capita* baixa.

4.1.2 Atuação profissional

No item ramo de negócios, pode-se observar a seguinte situação conforme ilustra a Tabela 01:

- 75% estão atuando em atividades dentro da formação agropecuária;
- 25% não estão atuando em atividades dentro da formação agropecuária.

Tabela 01 - Ramo de negócio dos egressos pesquisados

Ramo de negócio	Quantidade	%
-Comércio agropecuário	08	25,0
-Comércio em geral	05	16,0
-Produção e venda de mudas de hortaliças	04	12,5
-Jardinagem e paisagismo	04	12,5
-Comércio de produtos coloniais	03	9,5
-Produção e venda de mudas de flores	02	6,5
-Produção e venda de mudas para reflorestamento	01	3,0
-Prestação de serviço de acessória agropecuária	01	3,0
-Indústria e comércio de pescados	01	3,0
-Transporte de água potável	01	3,0
-Empresa no ramo imobiliário	01	3,0
-Instituição de ensino fundamental e médio	01	3,0
Total	32	100

Como principais empreendimentos levantados através dos atores entrevistados destacamos:

- 25% possuem loja agropecuária;
- 16% possuem comércio em geral;

- 12,5% trabalham com produção e venda de mudas de hortaliças;
- 12,5% trabalham com jardins e paisagismo;
- 9,5% envolvem-se com comércio de produtos coloniais¹;
- 6,5% produzem e vendem mudas de flores em geral;
- 3% trabalham com produção de mudas para reflorestamento, como por exemplo, mudas de eucaliptos;
- 3% atuam no comércio de pescados;
- 3% atuam com transporte de água potável;
- 3% atuam no ramo imobiliário e
- 3% atuam no ramo da educação.

Bem atento a esta diversificação de negócios que surgem constantemente está o Programa Jovem Empreendedor que é uma ação no âmbito do Programa Primeiro Emprego, que busca estimular o surgimento de pequenos negócios de jovens, com vistas à criação de oportunidades de ocupação e renda, tendo o SEBRAE (Serviço Brasileiro de apoio às Micro e pequenas Empresa) como o parceiro responsável por capacitar, elaborar Planos de negócios e assessorar os jovens empreendedores.

O público alvo principal é jovens de 16 a 24 anos, em situação de desemprego, integrantes de famílias com renda mensal per capita de até meio salário mínimo, que estejam freqüentando regularmente estabelecimento de ensino fundamental ou médio.

O referido Programa tem como objetivo criar oportunidades de geração de ocupação e renda para jovens de camadas menos favorecidas da população, através do estímulo ao desenvolvimento de pequenos negócios.

Ligados a essas mudanças e a necessidade de incentivar e semear o empreendedorismo, os professores podem unir forças para levar estes conceitos para a sala de aula, esta prática deve passar por todas as áreas de conhecimentos: ciências humanas, agrárias, exatas, sociais, entre outras. Neste processo, os professores exercem um papel importante. È na sala de aula que esse estímulo acontece. Além de formador inserir em sua prática a disciplina de empreendedorismo.

A figura 03 retrata o tempo de atuação no mercado da amostra entrevistada com classificação de classes a cada 05 anos e respectivos percentuais:

¹ Produto processado obtido em pequena escala em nível da propriedade rural ou pequenas indústrias rurais, usando matérias primas locais e tecnologia de elaboração tradicional.

Observa-se através da figura que:

- 38% dos egressos empreendedores pesquisados possuem seu negócio em um período menor de 05 anos de existência concorrendo com o mercado;
- 25% estão enquadrados na classe de 06 a 10 anos de atuação no mercado;
- 22% enquadram-se na classe dos 11 aos 15 anos de atuação no mercado;
- 6% aparecem na classe dos 16 a 20 anos de atuação no mercado e
- 9% estão no mercado atuando a mais de 20 anos.

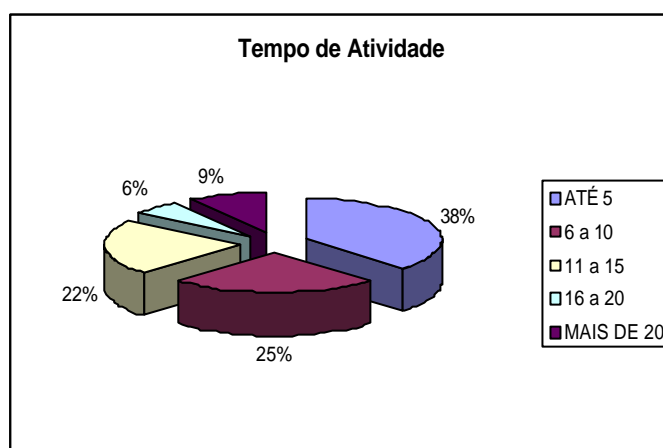


Figura 03: Tempo de atividade no mercado

Estes resultados podem estar ligados ao fato de ser muito recente o assunto de empreendedorismo nos estabelecimentos de ensino ou fora deles no Brasil, ainda não há uma clara percepção da sua importância para o desenvolvimento da economia, embora muitas experiências, têm demonstrado que pessoas estimuladas podem desenvolver mentalidades e habilidades empreendedoras, tornando-se capaz de criar empresas.

Dolabela (2006) menciona que há alta taxa de mortalidade infantil das empresas (primeiros 05 anos), mudanças nas relações de trabalho, isto é, o emprego dando lugar a novas formas de participação, aumento da percepção da pequena e média empresa para o desenvolvimento econômico, aumento do hábito e da preocupação de abordar empreendedorismo no ensino, sendo que este último fator pode estar levando profissionais com formação técnica recente a serem empreendedores.

Os resultados sobre o item se possuem sócio podem ser visualizados na Tabela 02.

Tabela 02 – Possui sócio

Possui sócio	Quantidade	%
Sim	17	53
Não	15	47
Total	32	100

Pode-se observar que:

- 53% declararam que possuem sociedade em seu empreendimento;
- 47% declararam que não possuem sócio.

Visando reforçar o entendimento sobre a questão do desenvolvimento de empreendimentos com sociedade buscou-se através do contato com alguns empreendedores entender o porquê de ter sócio destacando-se as seguintes colocações:

Cursamos o Curso de Técnico em Agropecuária durante os 03 anos juntos no CAC e quando nos formamos mantivemos nossa amizade, surgiu a idéia do negócio e juntos encaramos até o presente momento (empreendedor do ramo de produção e venda de mudas de hortaliças – 24 anos de idade).

A área aonde localiza-se a fonte de água que exploramos é da família de meu pai, resolvemos investir juntos, por esta razão tenho sociedade e participação de lucros neste empreendimento (empreendedor no ramo de transporte de água potável – 37 anos de idade).

Ainda tenho minha residência junto com meus pais e irmãos, o empreendimento já era do meu pai e resolvemos nos unir investindo juntos em família (empreendedor no ramo de produtos coloniais – 19 anos).

Tanto meu pai como eu trabalhávamos de empregados. Meu pai possui uma grande área de terra, bem localizada. Juntamos a experiência que temos na área de pescadao, capital de investimentos e vontade de vencer e montamos nosso próprio negócio (empreendedor no ramo de indústria de pescadao – 30 anos de idade).

Um pequeno empresário do ramo de conservas realizou contatos comigo oferecendo-me uma oportunidade de participação em seu negócio. Aceitei o desafio e hoje faço parte da produção de conserva desta empresa, tendo participação dos lucros juntamente com minha esposa (empreendedor do ramo de produção de conservas – 31 anos de idade).

Ficou claro que vários são os motivos que fazem com que entre os 53% dos atores entrevistados possuam sócio em seus empreendimentos, ou seja, laços de amizade, viver e permanecer na família, aceitando convite e desafios, entre outros.

Acredita-se também que parte deste percentual de empreendedores esteja ainda atuando em negócios em parcerias na família, amigos de curso, por convites para enfrentar desafios, talvez por não perceberem a necessidade e/ou oportunidade de empreenderem, ou

ainda estão desencorajados para iniciarem seu próprio negócio devido à falta de incentivo familiar, ou ausência de órgãos e programas do governo ligados a área de empreendedorismo em seu município, da falta de capital inicial suficiente, entre outras situações.

Estes resultados também podem estar em concordância com as chamadas Condições Nacionais que afetam o empreendedorismo no Brasil. Entre elas podem ser citadas: falta de capital inicial, políticas governamentais, acesso à infra-estrutura e dificuldades de conquistar clientes para seus produtos, onde leva pequenos empreendedores a unirem-se (GEM - GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR, 2005).

Dolabela (2006) afirma que 50% dos empreendedores trabalham em sociedade, ficam mais tempo com o sócio do que com o cônjuge; porém adverte que na escolha do sócio, todo o cuidado é pouco, por poder estar aqui um fator de sucesso e de fracassos e uma fonte de dissabores.

Dolabela (2006) ainda declara que diante destes problemas, tem como se prevenir contra a má escolha do sócio, escolhendo sócio com nível educacional bem próximo, escolher sócios que inspirem confiança, com padrão de vida e ambições de renda e consumo semelhantes, ter aceitação mútua, visões partilhadas, valores partilhados, bom contato social e muita comunicação.

Quando pesquisados sobre se seu sócio possui algum grau de parentesco observou-se que 44% confirmaram que seu sócio possui algum grau de parentesco, assim distribuídos:

- 22% responderam que seu sócio é o próprio pai;
- 9% responderam que possuem sociedade com irmãos;
- 7% responderam que suas esposas são suas sócias no empreendimento;
- 3% responderam que seu sócio é um sobrinho e
- 3% responderam que seu sócio é uma filha.

Este resultado é claramente aceito, pois quando analisamos o item como e quando você descobriu a oportunidade e/ou necessidade de empreender, 84% dos atores entrevistados declararam que foi pela oportunidade surgida como sócio, principalmente dentro da própria família.

Na tabela 03 pode-se observar os resultados do questionamento sobre se já tinham trabalhado como empregados.

Tabela 03: Atuação como empregado

Já trabalhou como empregado	Quantidade	%
Sim	25	78
Não	07	22
Total	32	100

Foi observado que:

- 78% declararam afirmando e
- 22% declararam que nunca tinham trabalhado como empregados.

Finalizando este trabalho sobre a caracterização do empreendedor, foi solicitado aos egressos empreendedores do Colégio Agrícola de Camboriú esclarecer se já empreenderam em outro negócio.

Os resultados podem ser observados na Tabela 04.

Tabela 04: Empreenderam em outro negócio

Empreenderam em outro negócio	Quantidade	%
Sim	13	41
Não	19	59
Total	32	100

- Verificou-se que 59% dos atores pesquisados declaram que nunca tiveram outro empreendimento e
- 41% declararam que estiveram envolvidos com algum empreendimento.

Conforme resultados da Tabela 04 entende-se que estes valores estão relacionados justamente ao fato de a maioria dos egressos estarem ocupando algum cargo dentro de sua formação em alguma empresa no período que antecedeu seu primeiro e único empreendimento conforme nos esclarece a tabela 03 onde 25 dos 32 atores pesquisados, ou seja, 78% atuaram como empregados.

Isto pode também ser observado conforme depoimentos coletados através de conversa com seis egressos do CAC, com menos de 20 anos de idade declarando o porquê de ainda não empreenderam seu próprio negócio e sim ainda estarem em sociedade com o pai ou estarem atuando como empregados em alguma empresa.

Até agora me faltou coragem para iniciar o meu próprio negócio.

O capital que tenho disponível ainda é insuficiente para iniciar meu negócio e gostaria se possível não me envolver com empréstimos bancários.

Meu pai aconselhou-me que aguardasse para alcançar uma maior maturidade antes de tomar qualquer decisão sobre a implantação do meu próprio negócio.

Já estive conversando com amigos e o pessoal do SEBRAE sobre como posso abrir meu próprio negócio.

Quero primeiro me esforçar para obter formação superior, enquanto tenho vontade de estudar.

A crise que o País atravessa faz sentir-me um pouco inseguro para investir no momento.

Dornelas (2001), afirma que o mundo dos negócios está mudando e a formação profissional precisa acompanhar estes avanços. O trabalho apoiado no emprego formal tem reduzido, até porque o processo de industrialização assumiu novos padrões, no entanto muitas escolas ainda formam pessoas para esta realidade de emprego, que não existe mais.

O mesmo autor ainda declara que nossos jovens precisam aprender a desenvolver suas iniciativas empreendedoras, ferramentas capazes de driblar o tão concorrido mercado. E é aí que a figura do professor que possui formação dentro da área entra em cena, como principal colaborador deste processo.

Para Dolabela (2006), a educação empreendedora deve ser oferecida da educação infantil até a universidade.

Podemos então diante desta exposição dizer que o nível primário é a principal fonte de formação de empreendedores. Mas os níveis secundário e terciário também podem ser importantes na geração de empreendedores. O que se pode dizer ainda que um dos pontos básicos do ensino de empreendedorismo é fazer com que o aluno busque estabelecer relações que dêem suporte ao seu negócio.

4.2 Empreendedorismo: a percepção dos atores pesquisados

Nesse item buscou-se reconhecer a percepção que os empreendedores egressos têm sobre empreendedorismo, sobre como e quando descobriram a oportunidade e/ou necessidade de empreender, sobre as características empreendedoras que eles consideram mais importantes para gerir seu negócio, sobre os fatores que dificultaram encontrados na gestão do seu negócio, e para finalizar foi questionado sobre em qual nível de visão empreendedora os egressos empreendedores se colocam.

4.2.1 Termo empreendedorismo

Foi questionado inicialmente aos atores pesquisados, se era do seu conhecimento o termo empreendedorismo, aonde se obteve 100% das respostas afirmativas.

O fato de todos os pesquisados terem declarado que têm conhecimento do termo empreendedorismo pode estar relacionado com o grau de instrução que possuem, ou seja, formação técnica (nível médio) 66% e formação técnica e superior 34%, bem como, o contato do dia-a-dia com o tema que aparece com frequência em revistas, jornais, rádio, internet e telejornais no Brasil e por serem empreendedores.

Silva (2006) explica que pessoas com nível mais baixo de instrução, conseqüentemente possuem menos conhecimento, estão associadas aos piores resultados nos negócios.

O Global Entrepreneurship Monitor (2005) declara que é maior a dinâmica, o conhecimento de empreendedorismo e de empreendedor nos estratos mais escolarizados da sociedade empreendedora.

Exige-se hoje, mesmo para aqueles que vão ser empregados, um alto grau de conhecimento de empreendedorismo, ou intraempreendedorismo conforme afirmam alguns estudiosos do tema.

O Intraempreendedorismo (intrapreneuring) é um sistema revolucionário para acelerar as inovações dentro de grandes empresas, através do uso melhor dos seus talentos empreendedores. O desafio é conseguir desenvolver os colaboradores, dando-lhes a oportunidade de fazer com que suas idéias se realizem.

As empresas precisam de colaboradores que, além de dominar a tecnologia, conheçam também o negócio, saibam entender os clientes e atender às necessidades deles e possam identificar oportunidades (DOLABELA, 2006).

O conceito de empreendedorismo tem sido muito difundido no Brasil, nos últimos anos, intensificando-se no final da década de 1990. Existem vários fatores que talvez expliquem esse repentino interesse pelo assunto, já que, principalmente nos Estados Unidos, país onde o capitalismo tem sua principal caracterização, o termo *entrepreneurship* é conhecido e referenciado há muitos anos, não sendo, portanto, algo novo ou desconhecido.

No Brasil, a preocupação com a criação de pequenas empresas duradouras e a necessidade da diminuição das altas taxas de mortalidade desses empreendimentos são, sem dúvida, motivos para a popularidade do termo empreendedorismo (DORNELAS, 2001).

Dolabela (2006) faz uma série de perguntas muito interessantes: o que é um empreendedor? Como defini-lo? O que significa o termo “empreendedorismo”? E para que serve em tais conceitos e definições? É através do entendimento delas que cada indivíduo pode desenvolver seu potencial empreendedor.

Ao serem solicitados para descrever o significado do termo empreendedorismo, pode-se perceber que parte dos respondentes pesquisados definiram o termo mais precisamente e parte dos respondentes definiram o termo empreendedor certamente pela grande proximidade que há entre os próprios termos, como pode ser observado nas definições que seguem:

Visualizar na região uma atividade ou negócio para o desenvolvimento do mesmo, investindo e assumindo riscos. 55 anos de idade, Formação superior.

Forma de novos negócios. 53 anos de idade, Formação superior.

Percepção mercadológica dentro de uma visão holística, bem como capacidade prática de implementar um plano de negócio”. 42 anos de idade, Formação superior.

Aplicar em algum negócio, investir. 47 anos de idade, Formação superior.

Ato de empreender um negócio, deste o projeto até seu desenvolvimento em um negócio de investimento e resgates. 37 anos de idade, Nível médio.

Ser empreendedor, montando seu próprio negócio e alimentá-lo. 19 anos de idade, Nível médio.

Arte de criar, inovar ou perceber necessidades de uma atividade, ramo de mercado. 21 anos de idade, Nível médio.

Estudo relativo ao empreendedor, seu perfil, sua origem. 30 anos de idade, Nível médio.

Desenvolvimento de uma atividade econômica que gere lucros, desenvolvida por uma pessoa ou grupo de pessoas. 18 anos de idade, Nível médio.

Dolabela (2006), afirma que empreendedorismo é uma livre tradução que se faz da palavra *entrepreneurship*, que contém as idéias de iniciativa e inovação.

Para Burch apud Garcia (2000), empreendedorismo é a ação de ser empreendedor (empreendedor, empresário), uma derivação do termo francês *entrependre*, cujo significado é empreendedor, perseguir oportunidades, satisfazer necessidades e desejos através de negócios novos.

Empreendedor é alguém que sonha e busca transformar seu sonho em realidade (DOLABELA, 2006).

Para Fillion apud Dolabela, 2006) um empreendedor é uma pessoa que imagina,

desenvolve e realiza visões.

Empreendedor é aquele que faz as coisas acontecerem se antecipa aos fatos e tem uma visão futura da organização (DORNELAS, 2001).

Segue abaixo mais algumas definições de empreendedorismo e empreendedor oriundas dos atores pesquisados:

Pessoa encorajada por alguma circunstância prontificando-se a ir ao encontro de algum investimento ou negócio. 48 anos de idade, Nível médio.

É realizar uma tarefa com sucesso, ter uma meta final. Fazer de uma pequena empresa grandes negócios. 43 anos de idade, Nível médio.

Conhecer o necessário do mundo e do viver dos negócios, pensar, ter idéias e pôr as mesmas em prática sempre que possível inovando. 38 anos de idade, Formação superior.

Pessoa que atua no seu próprio negócio, tem criatividade, determinação e visão de mercado. 38 anos de idade, Nível médio.

É ser capaz de identificar negócios e oportunidades, tendo capacidade de visão do ambiente de trabalho. 37 anos de idade, Nível médio.

Trabalhar por conta própria, apostando num negócio, que direta ou indiretamente envolva um número de pessoas que possam defender esse negócio. 34 anos de idade, Nível médio.

Ter iniciativa para montar e conduzir um negócio, agindo com responsabilidade em busca do crescimento pessoal e social. 24 anos de idade, Formação superior.

Criar ou montar o seu próprio, tendo ou não sócio ou sócios, com a finalidade de gerar renda. 23 anos de idade, Nível médio.

Ter aptidão para empreender, ter visão e iniciativa em coisas difíceis, estar sujeito aos altos e baixos do mercado buscando espaço. 25 anos de idade, Nível médio.

Ter coragem de investir e acreditar em seu potencial e criar uma equipe motivada para o referido investimento. 47 anos de idade, formação superior

Observa-se nas respostas dos atores pesquisados que demonstraram ter boa compreensão do termo empreendedorismo embora por algumas vezes se confundissem com o conceito de empreendedor.

4.2.2 Fatores que motivaram o ato de empreender

Ao serem questionados sobre, a criação do seu empreendimento foi motivado por uma necessidade e/ou oportunidade, podemos visualizar na figura 04 que :

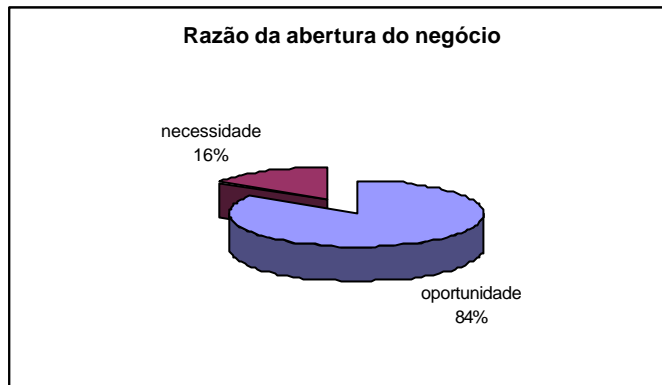


Figura 04: Taxa de abertura de negócio por oportunidade e/ou necessidade

- 84% declararam que a criação do seu empreendimento foi motivada por uma oportunidade e
- 16% declararam que a criação do seu empreendimento foi motivada por uma necessidade.

Dolabela (2006) nos esclarece dizendo que o empreendedorismo é um fenômeno cultural, ou seja, empreendedores nascem por influência do meio em que vivem. Pesquisadores mostram que os empreendedores têm sempre um modelo, alguém que os influencia.

Kirzner (1973) apud Dornelas (2001), são enfáticos afirmarem que o empreendedor é um exímio identificador de oportunidades, sendo um indivíduo curioso e atento as informações, pois sabe que suas chances aumentam quando seu conhecimento aumenta.

Dornelas (2001) diz que o empreendedor é aquele que detecta a oportunidade e cria um negócio para capitalizar sobre ela, assumindo riscos calculados.

Quando solicitados a declararem como e quando você descobriu a oportunidade e/ou necessidade de empreender, obteve-se as seguintes declarações dos egressos empreendedores pesquisados:

4.2.2.1 Oportunidades:

- Empreendimentos familiares

Após obter formação técnica e experiências adquiridas durante a formação no CAC, dei continuidade no ramo deste negócio, pois a oportunidade chegou em minhas mãos.

Aproveitei a oportunidade de dar continuidade do negócio que já era de tradição familiar a 26 anos.

Aproveitei a oportunidade da minha família que já tinha iniciado este negócio, unindo-me a ela.

Oportunidade surgida quando de um convite recebido do meu pai para sermos parceiro de um mesmo negócio

Aproveitando de uma sala comercial de propriedade de minha família e o sonho que em mim havia, não hesitei em abrir meu próprio negócio pois, a oportunidade tinha chegado para mim.

Oportunidade vinda a partir de um convite feito pelo meu pai.

Observa-se que aproximadamente 19% dos atores pesquisados possuem seu empreendimento surgido de uma oportunidade dentro da própria família.

– **Formação técnica em agropecuária**

A oportunidade surgiu quando ainda aluno no CAC, participei de um projeto no ramo de negócio que estou até hoje.

Aproveitando oportunidade surgida ainda como aluno no CAC.

No Colégio Agrícola de Camboriú, motivado pela cadeira de Irrigação.

Após adquirir formação técnica, surgiu a oportunidade e abracei o negócio.

Observa-se que 12% dos atores pesquisados já viam seu empreendimento se tornar realidade quando ainda estavam cursando o Curso técnico em Agropecuária no Colégio Agrícola de Camboriú.

– **Percepção de necessidades locais:**

Pela falência da única instituição de ensino particular existente no município, a oportunidade chegou para realizar o meu sonho, empreender na educação.

A oportunidade surgiu com a implantação e crescimento de um pólo de produção de flores no município de Camboriú no ano de 1990.

Eu já tinha experiência no ramo, percebi o espaço que havia no mercado e a pouca concorrência, abracei a oportunidade juntei tudo isso a uma melhor qualidade dos que já ofereciam o serviço e deu certo.

Percebia a necessidade e perspectivas de crescimento do mercado neste ramo, aproveitei a oportunidade, o momento e parti para o investimento.

Após perceber a deficiência do produto no mercado, entendi que a minha oportunidade tinha chegado e mãos a obra.

Oportunidade vinda através de integração com cooperativas da região.

Oportunidade de poder oferecer um produto diferenciado e de boa aceitação de mercado na região.

Aproveitando a oportunidade em conjunto com a vocação do terreno e o manancial de água nele existente, fui investindo.

Tenho uma propriedade com um forte manancial hídrico e de boa qualidade, o mercado necessitado do produto, além de pouca concorrência, abracei a oportunidade.

Diante da situação de desempregado após acordo feito com a empresa na qual atuava, busquei então meios de obter renda para melhor sobreviver, surgindo então a oportunidade de comercializar produtos colônias em minha cidade e cidades próximas.

Percebendo o crescimento rápido da minha região que envolvia turismo com construção civil. Diante das minhas necessidades e da necessidade de uma empresa de paisagismo, abri meu próprio negócio.

Observa-se que aproximadamente 34% dos atores pesquisados estabeleceram seus empreendimentos em virtude das necessidades surgidas na região, aproveitando desta forma a oportunidade de ter o seu próprio negócio.

- Estímulo de amigos

Oportunidade que surgiu através de um amigo, juntei ao sonho que eu tinha de ter o meu próprio negócio;

A oportunidade surgiu quando fui convidado para fazer parceria com um amigo na cidade de Camboriú-SC.

A oportunidade surgiu através de alguns amigos que possuíam conhecimento na área que hoje atuo.

- Situações diversas:

Sempre tive esta idéia de empreendedor. Logo após conseguir a formação técnica no CAC surgiu a oportunidade de ser representante de uma empresa, como distribuidor independente.

Oportunidade por já estar trabalhando na área em uma empresa do mesmo ramo.

Motivado por uma pessoa que gosta de por suas idéias em prática e obter resultados com êxito, uni o útil ao agradável e pus as mãos no trabalho aproveitando a oportunidade.

A oportunidade é uma forma de olhar. Ela está na mente e no coração da pessoa. É importante que as pessoas tenham capacidade de “ver o que os outros vêem”. A oportunidade deve se adequar à pessoa, ou seja, a mesma oportunidade pode ser interessante para um e não para outro (DOLABELA, 2006).

Dolabela (2006), diz que é necessário que o pré-empendedor desenvolva a capacidade de distinguir entre idéia e oportunidade, praticando sempre. Atrás de uma

oportunidade sempre existe uma idéia.

O mesmo autor ainda escreve sobre a oportunidade:

- Ela deve se ajustar ao empreendedor. Algo que é uma oportunidade para uma pessoa pode não ser para outra;
- É um alvo móvel. Se alguém a vê ainda há tempo de aproveitá-la;
- Um empreendedor habilidoso dá forma a uma oportunidade;
- Idéias não são necessariamente oportunidades;
- A oportunidade é a fagulha que detona a explosão do empreendedorismo;
- Há maior quantidade de idéias do que boas oportunidades de negócios;
- Oportunidade tem como características: durabilidade, hora certa, ancoradouro quase sempre seguro;
- Apresenta um desafio: reconhecer uma oportunidade enterrada;
- Reconhecer e agarrar oportunidades não é questão de usar técnicas, tudo depende da capacidade do empreendedor.

Dornelas (2001), diz que qualquer oportunidade deve ser analisada, pelo menos, sob os seguintes aspectos: 1- Qual mercado ela atende? 2- Qual o retorno econômico que ela proporcionará? 3- Quais são as vantagens competitivas que ela trará ao negócio? 4- Qual é a equipe que transformará essa oportunidade em negócio? e 5- Até que ponto o empreendedor está comprometido com o negócio?

Observa-se, portanto, que ficar atento e perceber, no momento certo, as oportunidades que o mercado oferece e reunir as condições propícias para a realização de um bom negócio deve ser uma marca de importância para o empresário bem-sucedido.

4.2.2.2 *Necessidades*

- Pessoais e familiares

Percebendo o crescimento rápido da minha região que envolvia turismo com construção civil. Diante das minhas necessidades e da necessidade de uma empresa de paisagismo, abri meu próprio negócio.

Por necessidade financeira e pela facilidade que encontrei para a implantação do meu negócio;

Necessidade de manter a sobrevivência juntamente com um sonho que me acompanhava desde a infância.

Necessidade de aumentar a renda na família.

Segundo o relatório de 2002 do Global Entrepreneurship Monitor, os resultados

obtidos em nível de Brasil mostra o país ocupando o primeiro lugar por apresentar a maior taxa de abertura de negócios por necessidade, ou seja, 55% dos novos empreendedores escolheram ser patrões não por vocação, nem por oportunidade, mas por dificuldade de encontrar trabalho. Apenas três países tiveram taxa de empreendedorismo por necessidade maior do que a taxa por oportunidade: Brasil, Argentina e China. Em 26 dos 37 países pesquisados, a taxa foi inferior a 2%.

Segundo o mesmo relatório, de maneira geral, o empreendedorismo por necessidade tende a ser maior nos países em desenvolvimento, nos quais a dificuldade de inserção no mercado de trabalho aumenta a busca por alternativas. Então, é por essa razão que, como adverte Santos (2003, p.03), é preciso ter cuidado, pois, “em momento difícil onde todos querem a sinalização da saída, aparece alguém com uma proposta”.

Infelizmente a falta de alternativas para a sobrevivência de muitos pode acarretar, por vezes, na adesão acrítica a determinadas idéias. Pior, alcançam rapidamente o status de solução sujeita as críticas no método, na forma, mas não na essência.

Pesquisas realizadas em 2005 e divulgadas em entrevista pela HSM MANAGEMENT UPDATE - 15/07/05 revelaram que a taxa de empreendimentos por necessidade está abaixo de 50% no Brasil (SIMARA, 2005).

Desde 2005, o Global Entrepreneurship Monitor também analisa os países segundo o PIB per capita: são os países de renda média e os de renda alta. Foi constatado que as taxas de empreendedorismo por oportunidade tendem a ser mais altas nos países de renda média, devido a diversos fatores, como perfil demográfico e valores culturais. A taxa de empreendedores por necessidade é relativamente menor nos países de alta renda, de modo especial na União Européia e no Japão.

Além disso, o levantamento diferencia os empreendedores em função de sua motivação para desenvolver um negócio próprio, se por necessidade ou espírito empreendedor.

Verifica-se que, nos países de renda per capita mais alta, para cada nove empresários que tocam um negócio por oportunidade, apenas um é por necessidade. Na média dos países mais pobres, essa relação é de três por motivação/opportunidade para cada um que tem a real necessidade de um negócio próprio para sobreviver. No Brasil há um empate nesse quesito, mas o que preocupa é que a maioria empreende por sobrevivência, explicou o consultor sênior do Global Entrepreneurship Monitor no Brasil, Marcos Schlemm.

4.2.3 Características empreendedoras mais importantes para gerir seu negócio

Empreender tem a ver com fazer diferente, antecipar-se aos fatos, implementar idéias, buscar oportunidades, criar valores, gerar empregos e colaborar para o desenvolvimento do país.

Para Kirzner (1973) apud Dornelas (2001, p. 37), “empreendedor é aquele que cria um equilíbrio, encontrando uma posição clara e positiva em um ambiente de caos e turbulência, ou seja, identifica oportunidades na ordem presente”.

No dizer de Timmons apud (Agostini et al. 2001, p.4), “o empreendedorismo está ligado à criatividade e capacidade de assumir riscos, é a habilidade de construir algo a partir praticamente do nada. È encontrar energia pessoal para iniciar e construir uma empresa. Fazer tal afirmação requer uma voluntariedade em acalantar riscos – pessoais e financeiros – e, então, fazer todo o possível para colocar do seu lado as vantagens, reduzindo assim as possibilidades de fracasso”.

Os autores demonstram que é possível montar um perfil de características empreendedoras que inclui especial autoconfiança, habilidade de assumir riscos, flexibilidade, uma forte necessidade de se realizar e um desejo forte de se tornar independente.

Analisando as características empreendedoras que os atores pesquisados consideram mais importantes para solucionar os problemas de gestão, verifica-se que para os egressos empreendedores do Colégio Agrícola de Camboriú a ordem de importância assinalada foi: criatividade, autoconfiança, habilidade, capacidade de adaptação 90,5%, seguida da liderança 78,0%, iniciativa e ação 75,0%, propensão de assumir riscos 71,8%, inovação 68,7%, comportamento e determinação, motivação e superação 65,0%, orientação e metas 59,0% e saber gerenciar, dedicação, paciência, humildade, conhecimento e honestidade 18,7%, conforme podemos visualizar na tabela 05.

Tabela 05: Características empreendedoras consideradas mais importantes para solucionar os problemas de gestão (%).

Características empreendedoras	Nº citações	%
Criatividade, autoconfiança, habilidade, capacidade de adaptação	29	90,5
Liderança	25	78,0
Iniciativa e ação	24	75,0
Propensão de assumir riscos	23	71,8
Inovação	22	68,7
Motivação e superação	21	65,0
Comportamento e determinação, motivação e superação	21	65,0
Orientação a metas	19	59,0
Outras – saber gerenciar, dedicação, paciência, humildade, conhecimento e honestidade.	06	18,7

Dolabela (2006), diz que o empreendedor é um insatisfeito que transforma o seu inconformismo em descobertas e propostas positivas para si mesmo e para os outros. É alguém que prefere percorrer caminhos não percorridos, que define a partir do indefinido, acredita que seus atos podem gerar conseqüências.

O mesmo autor continua dizendo que qualquer empreendedor tem que ser criativo, inovador e não só gerenciar o que possui, seja habilidoso, possua autoconfiança, tem que liderar e gerenciar pessoas e seus conflitos de gerenciamento, está sempre propenso a assumir riscos e tenha planejamento em suas metas a alcançar.

Para Dolabela (2006), o empreendedor deve também aprender a trabalhar sob terrível pressão, tem que fazer de tudo, tem que se submeter aos horários prolongados, ter maior autonomia e saber lidar com ela, assumir maiores responsabilidades, já que tudo depende dele, tem que ser tomador de decisões.

4.2.4 Gestão do negócio

4.2.4.1 Dificuldades encontradas

No item você encontrou dificuldades na gestão do seu negócio ou, ainda encontra, obtivemos os seguintes resultados dos empreendedores egressos pesquisados conforme nos mostra a figura 05.



Figura 05: Dificuldades na gestão do seu negócio

Obteve-se os seguintes resultados:

- 50% declararam ter encontrado poucas dificuldades na gestão do seu negócio;

- 47% declararam ter encontrado muitas dificuldades na gestão do seu negócio e
- 3% declarou não ter encontrado nenhuma dificuldade.

O autor que declarou não ter encontrado nenhuma dificuldade na gestão do seu negócio atua no ramo imobiliário da região Litorânea do Estado de Santa Catarina, tem formação superior e não assinalou nenhum dos doze itens propostos na questão anterior concernentes ao assunto.

Na Tabela 06 podemos visualizar os principais fatores considerados pelos proprietários como dificultadores na gestão das suas empresas: falta de capital seguida de falta de planejamento, nível de formação profissional dos colaboradores, desconhecimento de técnicas para resolução de problemas, desconhecimentos de processos e novas tecnologias, gerenciamento de vendas e equipamentos e máquinas de baixa tecnologia, administração de pessoal e estabelecimento de preços dos produtos, aquisição de matérias-primas e saber ouvir e captar informações.

Tabela 06: Principais fatores que dificultam o processo de gestão de um empreendimento

Principais dificuldades	Nº de citações	%
- Falta de capital	16	50,0
- Falta de planejamento	12	37,5
- Nível de formação profissional dos Colaboradores	10	31,0
- Desconhecimento de técnicas para resolução de problemas	09	28,0
- Desconhecimento de processos e novas tecnologias	08	25,0
- Equipamentos e máquinas de baixa tecnologia	06	18,75
- Gerenciamento de vendas	06	18,75
- Administração de pessoal	05	15,6
- Estabelecimento de preços dos produtos	05	15,6
- Aquisição de matérias-primas	04	12,5
- Saber ouvir e captar informações	01	3,0

Dificuldades financeiras são certamente um dos fatores que mais dificultam o gerenciamento de um empreendimento. Ressalta-se, porém que a falta de planejamento, segundo item mais indicado pelos respondentes é uma das chaves no processo de gestão, pois planejar é o fator que dinamiza o bom uso dos poucos recursos de que a maioria dos empreendedores dispõe.

Considerando que as dificuldades apontadas se referem às áreas dentre as quais os respondentes necessitariam ter maiores conhecimentos, pode-se inferir que os temas relevantes para a composição dos currículos na área empreendedora deveriam contemplar tópicos sobre: planejamento, gestão de processos e novas tecnologias, administração de

pessoal e gerenciamento de compras e vendas.

4.2.4.2 *Visão empreendedora*

Analisando o quadro abaixo que contém uma escala de quantificação de valor que vai de 01 a 10, a qual determina o quanto os atores pesquisados se percebem empreendedores, ou seja, de 01 a 05 pouco empreendedor e de 05 a 10 muito empreendedor, obtiveram-se os seguintes resultados:

Dos 32 atores pesquisados, 93,7% declararam-se muito empreendedores e apenas 6,3% declararam-se pouco empreendedores, mas com uma tendência de serem muito empreendedores, visto que os 6,3% se posicionam na categoria 5.

Esses resultados podem estar associados aos resultados obtidos quando perguntados sobre o ter conhecimento do significado do termo empreendedorismo, em que a unanimidade dos egressos empreendedores do Colégio Agrícola de Camboriú declarou ter conhecimento sobre o referido termo.

O povo brasileiro tem se mostrado muito empreendedor visto o panorama econômico e social que vive tanto no comércio formal quanto no informal. Sua população tem muita vontade de ter seu próprio negócio é o que revelam as pesquisas. Para ser Empreendedor não é necessariamente estar estudando, ter um emprego fixo, morar em casa própria ou fazer de conta que está tudo bem...

O empreendedor não nasce somente dentro de grandes empresas. Uma dona de casa que transforma seu lar num ambiente agradável para se viver, um estudante de nível médio ou um acadêmico que recebe seu diploma ao final do curso, um gerente de banco que sabe motivar sua equipe, um camelô que sabe conquistar sua clientela, enfim qualquer um pode ser muito empreendedor ou pouco empreendedor, basta querer. E querer é poder.

Para esta tarefa, é preciso ter em mente que realmente irá realizar seus projetos, seja de um empreendimento grande ou um empreendimento pequeno.

Algumas perguntas devem ser feitas e respondidas pelo futuro empreendedor, tendo em mente sua capacidade de realização, é necessário perguntar a si mesmo quem você é, do que você gosta, aonde quer chegar e se tem condições para almejar uma posição de destaque.

Disciplina, busca do aperfeiçoamento contínuo, muita leitura e atualização sobre o mercado e tendências, vontade de trabalhar além do habitual, dedicação, paixão, comunicação com as pessoas e empresas, visão holística, criatividade, vontade de vencer, persistência para aprender cada vez mais e não hesitar nos erros serão fatores que tornarão seu empreendimento

mais sólido e facilitará a prosperidade de seu trabalho.

Não há limites para o crescimento pessoal e profissional daqueles que querem ser ou já são empreendedores. Na Nova Economia o empreendedor é o diferencial da empresa, onde o maior patrimônio são pessoas e conteúdo além da capacidade de realização. Este patrimônio é formado por pessoas que serão gerenciadas pelo empreendedor.

Tabela 07: Escala de quantificação de valores para se considerar empreendedor

Pouco empreendedor	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Muito empreendedor
Egressos empreendedores					2	4	7	13	5	1	
%					6,25	12,5	21,8	40,6	15,6	3,3	

4.3 Empreendedorismo: formação educacional e atuação profissional dos egressos

4.3.1 Quanto ao ter seu próprio negócio ainda como aluno

Perguntou-se sobre o pensar em ter o seu próprio negócio quando ainda aluno do Colégio Agrícola de Camboriú aos egressos empreendedores e obtivemos os seguintes resultados, conforme observamos na Tabela 08.

Tabela 08: Vontade de ter empreendimento próprio quando aluno do CAC

Ter empreendimento quando aluno no CAC	Responderam	%
Sim	14	43,75
Não	18	56,25
Total	32	100

Observou-se que:

- 56,25% declararam que ainda não pensavam em ter seu próprio negócio quando ainda alunos no Colégio Agrícola de Camboriú e
- 43,75% declararam que sim, ou seja, já pensavam em ter seu próprio negócio mesmo estando ainda estudando no Colégio Agrícola de Camboriú.

4.3.2 Conhecimento adquirido no Colégio Agrícola de Camboriú

No item o conhecimento adquirido no Colégio Agrícola de Camboriú contribuiu para a implantação do seu negócio, obteve-se os seguintes resultados, conforme podemos visualizar na figura 06:

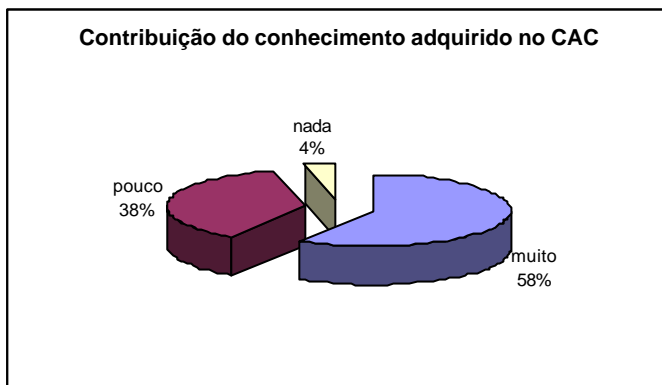


Figura 06: Contribuição do conhecimento adquirido no Colégio Agrícola de Camboriú

Observou-se que:

- 58% dos egressos pesquisados afirmaram que o conhecimento adquirido no Colégio Agrícola de Camboriú contribuiu muito para a implantação do seu negócio;
- 38% declararam que contribuiu pouco e
- 4% declararam que em nada contribuiu na implantação do seu negócio.

O autor pesquisado declarando que o conhecimento adquirido no Colégio Agrícola de Camboriú não contribuiu para a implantação de seu negócio tem 25 anos, possui nível médio e é empreendedor no ramo de confecções há cinco anos aproximadamente.

4.3.2.1 Contribuições mais significativas

Analisando os itens que os atores pesquisados consideraram e que contribuíram para a implantação dos seus negócios, verifica-se que para os egressos empreendedores do Colégio Agrícola de Camboriú os mais significativos foram: maiores conhecimentos adquiridos 40,6%, seguida de como administrar 18,75%, integração de equipe e visão de mercado 15,6%, como tomar decisões 9,4%, como iniciar meu negócio e como ser líder 6,25% e não responderam 9,4%.

Tabela 09: Conhecimentos adquiridos que mais significaram para a implantação do negócio

Conhecimentos mais significativos	Nº de citações	%
Maiores conhecimentos adquiridos	13	40,6
Como administrar	06	18,75
Integração de equipe e visão de mercado	05	15,6
Como tomar decisões	03	9,4
Como iniciar meu negócio e como ser líder	02	6,25
Não responderam	03	9,4
Total	32	100

4.3.3 Egresso de curso técnico

No item ser egresso de um curso técnico, na sua visão, agregou mais pontos fortes ou, mais pontos fracos para o seu empreendimento, obtiveram-se os seguintes resultados, conforme Tabelas 10 e 11.

4.3.3.1 Pontos fortes

Tabela 10: Pontos fortes agregados pelos egressos de um curso técnico para o empreendimento na visão dos empreendedores (%)

Pontos fortes	%
Conhecimento geral e técnico	78,0
Novas técnicas, socialização e auto-confiança	21,8
Habilidade	18,75
Prática	15,6
Persistência	12,5
Motivação e coragem	9,4
Responsabilidade	6,25
Liderança	3,0

Tornou-se senso comum que qualquer profissional que queira garantir sua sobrevivência no mercado de trabalho deve aderir à idéia de manter-se atualizado por meio de um retorno aos sistemas de formação, que oferecem cada vez mais opções em termos de educação continuada por meios presenciais ou à distância, não só nas escolas, mas em empresas, ONGs e outras agências.

Segundo Andrade (2005), cabe à escola explicitar a sua função social e sua proposta educativa, indicando com clareza o perfil do cidadão que deseja preparar.

A maior parte das instituições de ensino ainda não compreendeu que cada nova lógica

de trabalho requer uma nova postura e uma nova educação (BRESSA, 2005 apud ANDRADE, 2005).

O que se pode dizer é que se percebe por um momento certa crise educacional no sistema escolar atual.

O Colégio Agrícola de Camboriú recebe alunos oriundos de vários municípios do Estado de Santa Catarina e do Estado do Paraná principalmente. Muito desses alunos vem de municípios do interior do Estado, de famílias de pequenos agricultores aonde os conhecimentos gerais adquiridos são apenas os exigidos pelo Programa Escolar do governo de cada Estado, os conhecimentos técnicos para muitos estão muito aquém de existir, a socialização normalmente abrange somente a família e a pequena comunidade em que vivem, poucas são as técnicas conhecidas, pois o que acontece é que ha uma transmissão de conhecimentos de pais para filhos de geração em geração somente, hevendo pouco contato com revistas, jornais e outros meios de informações técnicas disponíveis.

Acredita-se que estes são fortes motivos para que os atores egressos pesquisados que possuem empreendimentos elejam como principal ponto forte conhecimento geral e técnico agregado no Curso técnico em que se formaram.

Com relação aos demais pontos fortes novas técnicas, socialização e auto-confiança, habilidade, prática, persistência, motivação e coragem, responsabilidade e liderança eleitos pelos egressos empreendedores pesquisados, percebe-se que as causas dessa escolha relaciona-se em muito com a origem dos mesmos já descrita anteriormente.

4.3.3.2 Pontos fracos

Ao serem solicitados para declarar quais os pontos fracos agregados dentro da sua visão empreendedora, os atores pesquisados destacaram os seguintes: (TABELA 11).

Tabela 11: Pontos fracos agregados pelos egressos de um curso técnico para o empreendimento na visão dos empreendedores (%).

Pontos fracos	%
Conhecimento muito básico transmitido durante formação	12,5
Falta de integração com outro público	12,5
Pouco conhecimento de novas técnicas	12,5
Poucos projetos relacionados ao termo empreendedorismo	9,4
Curto espaço de tempo para a formação técnica	9,4
Pouco acompanhamento pela instituição pós-formatura	3,0
Pouco tempo de ensino prático durante formação técnica	3,0
Nada a declarar	53,0

4.3.4 Contribuição do Colégio Agrícola de Camboriú com conteúdos relacionados ao ato de empreender, enfrentar desafios e oportunidades.

A grande maioria dos entrevistados (78%) declarou que a formação obtida no CAC contribui positivamente para o seu ato empreendedor e apenas 22% afirmaram não ter utilizado conhecimentos adquiridos na Instituição.

Formar o novo profissional com as capacidades que assegurem flexibilidade para enfrentar, de modo competente, o complexo mercado de trabalho, tem na escola e no professor papel importante na sua formação, necessário o aprimoramento do potencial humano em particular, da força de trabalho qualificada através da Educação (formal e não-formal), como fundamental para o progresso econômico do país.

Dornelas (2001, p.38), faz o seguinte questionamento: “É possível ensinar empreendedorismo”? O autor declara que até alguns anos atrás, acreditava-se que o empreendedor era nato, que nascia com um diferencial e era predestinado ao sucesso nos negócios. Havia desprezo no meio das pessoas que não tivessem tais características e eram desencorajadas a empreender.

Nossos jovens e até mesmo os adultos precisam aprender a desenvolver suas iniciativas empreendedoras, ferramentas capazes de driblar o tão concorrido mercado. E é aí que a figura do professor entra em cena, como principal colaborador deste processo.

Deve-se entender quais são os objetivos do ensino de empreendedorismo, pois os cursos podem diferir de universidade para universidade ou escola técnica.

Qualquer curso de empreendedorismo deveria focar: na identificação e no entendimento das habilidades do empreendedor; em como ocorre a inovação e o processo empreendedor; na importância do empreendedorismo para o desenvolvimento econômico; em como preparar e utilizar um plano de negócio; e em como gerenciar a fazer a empresa crescer (DORNELAS,2001).

Cada vez mais se percebe que o processo empreendedor pode e é ensinado, também ao negócio entendido por qualquer pessoa e que o sucesso é decorrente de uma gama de fatores internos e externos, do perfil do empreendedor e de como ele administra as adversidades que encontra no dia-a-dia de seu empreendimento.

O ensino do empreendedorismo durante a formação de um novo profissional tem sido considerado pelos especialistas como vital para o seu sucesso, principalmente se ele for egresso das escolas ditas de massa. Estas instituições concebem seu projeto pedagógico baseado em novos paradigmas educacionais e no desenvolvimento das competências para o

trabalho, considerando todas as peculiaridades e incertezas da sociedade do século XI.

Ao serem solicitados para sugerir quais conteúdos/informações que o Colégio Agrícola de Camboriú poderia ter fornecido para facilitar o ato de empreender, enfrentar desafios e oportunidades, obteve-se as seguintes respostas dos atores egressos pesquisados que podem ser observadas nas sugestões que seguem:

Faltou-nos a parte dos assuntos que nos orienta como negociar, fazer comércio, relação patrão/ cliente e fornecedor.

A maioria das instituições de formação técnica ou não se preocupam em preparar os alunos para serem empregados e não empreendedores. Portanto, faltaram teoria e prática relacionadas ao assunto empreendedorismo .

O CAC deveria preocupar-se mais em ensinar sobre empreendedorismo, facilitando com estágios na área; promover cursos no SEBRAE; ensinar técnicas de contabilidade, gerenciamento de negócios e como fazer levantamento de custos;

O CAC deveria realizar um curso paralelo ao de Técnico em Agropecuária focando sobre Gestão de Pessoal e Gestão empresarial.

A Coordenação do curso deveria de se preocupar mais com a área e o termo de empreendedorismo .

Utilizar melhor as aulas práticas e o potencial dos setores dentro do CAC para reforçar práticas de mercado empreendedor.

Explorar melhor a parte de construção de projetos de um modo geral, enfocando empreendedorismo .

Explorar melhor a criação de projetos ligados ao empreendedorismo e ensinar como executa-los e administra-los.

Aumentar o número de palestras e abordar mais assuntos sobre empreendedorismo .

Montar uma empresa Júnior no próprio CAC, aumentar o intercâmbio com empresas de um modo geral.

Ensinar mais sobre administração de empresas, construir mais projetos enfocando empreendedorismo, analisando pontos fracos e fortes dos mesmos.

Aumentar o número de aulas sobre empreendedorismo e explorar mais o assunto relacionado a custos em vários seguimentos.

Aumentar o número de visitas em empreendimentos já instalados e funcionando para poder aumentar a visão de mercado, entre outras coisas.

Capacitar mais os professores na área de assuntos sobre empreendedorismo .

Aumentar a integração do CAC/alunos com o mercado de trabalho e órgãos de pesquisa sobre empreendedorismo, aumentando assim a visão da realidade para que quando formado o aluno possa fazer escolha mais certa do seu negócio.

Simulação de empreendedores; incubadora de projetos.

A instituição poderia ter levados os alunos a um maior número de visitas a propriedades, exposições para podermos conhecer melhor a realidade e novas

tecnologias.

Realizar cursos extras direcionados ao empreendedorismo com a participação de órgãos ligados a área como SEBRAE, SENAC, SENAR. Agendar mais visitas a pequenas empresas para podermos conhecer suas dificuldades e facilidades de funcionamento.

Mais visitas a propriedades, empresas que desenvolvem atividades aprendidas no Colégio Agrícola de Camboriú.

Transmitir mais conhecimentos de como se relacionar com o público, como se comunicar, como implantar e gerenciar um negócio.

Mais ensino sobre socialização; construir projetos que contemplem administração de pequenos negócios.

Ensinar como fazer uma pesquisa de mercado; ensinar como melhorar a comunicação com o público, ensinando a linguagem empreendedora.

Ensinar como estruturar, organizar e administrar um projeto para que o mesmo possa se tornar realizável; ensinar como obter e aplicar corretamente receitas e despesas de um pequeno negócio.

E 19% optaram em deixar o espaço oferecido sem nenhuma resposta. Esses atores encontram-se atuando com seus empreendimentos na área da educação, comércio geral, questões ambientais e agropecuárias.

Finalizando o questionário da pesquisa, foi solicitado aos atores pesquisados que ocupassem o espaço reservado, caso queira, para fazer algum comentário.

Foram levantados os seguintes resultados:

- Parte dos pesquisados nada declararam, parte deles mencionaram coisas que não tinha muito a haver com o tema e
- 28% deixaram as seguintes declarações, agradecimentos e sugestões que se relacionaram com o tema:

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade, aos meus pais pelo incentivo e também aos professores e funcionários do CAC, pelo carinho que transmitiram, pelos colegas de turma e terminar dizendo que o CAC foi o caminho da minha prosperidade e da realização profissional.

Quero parabenizar o professor pela dedicação e força de vontade em favor da inserção do espírito empreendedor nos alunos do CAC. Gostaria muito de ter tido aulas sobre o tema empreendedorismo.

Para mim até hoje o CAC foi a melhor e maior instituição onde obtive formação profissional. Creio que ainda não tem nenhuma universidade que consiga preparar seus alunos de forma prática e coerente como os cursos técnicos no CAC.

Para mim o CAC foi de extrema importância, pois aproveitei bem os conhecimentos recebidos e hoje faço uso desses conhecimentos adquiridos no meu

dia-a-dia e nos meus negócios.

A situação atual é muito diferente da década de 80, onde a visão do formando era emprego e não empreender. Atualmente devido a forte concorrência de trabalho em todos os setores da economia, a visão de empreender tem mais primazia.

Lamento por muitos jovens que passam pelo CAC e depois não seguem carreira na área de formação, simplesmente pela visão de trabalho remunerado, desviando-se assim da visão empreendedora.

Posso dizer que tenho meu próprio negócio graças ao CAC e pelas oportunidades de mercado. Muitos têm medo do mercado. Acho que uma das coisas que não pode faltar em um empreendedor é coragem para levar adiante suas idéias.

No meu tempo de estudante faltou trabalhar mais os assuntos de Administração de Empresas, como calcular juros, renda líquida e bruta, depreciação de equipamentos entre outras coisas.

Agradeço a todos quantos me ajudaram a alcançar a formação técnica para poder tornar-me um cidadão com condições de poder encarar e competir no mercado, ou seja, ser um empreendedor.

Diante de tais declarações e sugestões, percebe-se o quanto é urgente à inserção de Empreendedorismo na grade curricular do Curso técnico em Agropecuária no Colégio Agrícola de Camboriú.

Nota-se que os profissionais da educação do Colégio Agrícola de Camboriú conseguiram despertar o espírito empreendedor destes atores conforme declarações descritas acima mesmo com as Grades Curriculares vigentes desprovidas da disciplina de empreendedorismo em parte.

Sendo assim, considera-se que tais declarações vêm ratificar a importância de ser ministrado aulas teóricas e práticas que dêem maior ênfase ao tema empreendedorismo.

5 CONCLUSÕES

Todos os egressos pesquisados têm a percepção de que conhecimentos relacionados ao empreendedorismo são fundamentais para solucionar os problemas de gestão nas empresas.

As características empreendedoras que os atores pesquisados consideraram mais importantes para solucionar os problemas de gestão nas empresas, são: criatividade, autoconfiança, habilidade, capacidade de adaptação, liderança, iniciativa e ação, propensão de assumir riscos, e também, inovação.

Os principais fatores que os atores pesquisados consideraram dificultadores no processo de gestão de um empreendimento foram: falta de capital, falta de planejamento, nível de formação profissional dos colaboradores, desconhecimento de técnicas para resolução de problemas, e também, desconhecimento de processos e novas tecnologias.

Os conhecimentos adquiridos apontados pelos atores pesquisados que mais significaram para a implantação de seus negócios, são: maiores conhecimentos adquiridos, como administrar inicialmente um empreendimento, integração de equipe e visão de mercado e como tomar decisões.

Os pontos fortes agregados pelos atores pesquisados no curso Técnico para o empreendimento, são: conhecimento geral e técnico, novas técnicas, socialização e autoconfiança, habilidade, prática e também, persistência.

Podemos, ao finalizar esta pesquisa, de acordo com o problema proposto, concluir que as necessidades educacionais sobre empreendedorismo apontadas pelos empreendedores egressos do Colégio Agrícola de Camboriú e que deveriam contemplar a grade Curricular do Curso Técnico em Agropecuária vigentes no CAC e do Curso Técnico em Agroindústria em fase de implantação foram: capacitar os profissionais da educação ligados à área de Gestão para ensinar melhor a elaboração de projetos enfocando empreendedorismo, analisando pontos fracos e pontos fortes; determinar número de aulas práticas e teóricas suficientes para explorar o máximo o tema empreendedorismo; realizar seminários convidando empreendedores de diversas áreas para melhorar o relacionamento com o público empreendedor; promover encontros com pequenos, médios e grandes empreendedores da região principalmente; realizar visitas periódicas em pequenos e médios empreendimentos para conhecer novas tecnologias; Aumentar a integração do CAC/alunos com o mercado de trabalho e órgãos de pesquisa sobre empreendedorismo, aumentando assim a visão da realidade para que quando formado o aluno possa fazer escolha mais certa do seu negócio.

6 SUGESTÕES

- Sugere-se reunir e aplicar todas as possíveis estratégias metodológicas que visem facilitar o processo Ensino-aprendizagem do empreendedorismo, como a construção de projetos ligados à área de empreendedorismo.

- Agendar cursos extras curriculares direcionados ao empreendedorismo com a participação de órgãos ligados a área como SEBRAE, SENAC, SENAR e outros.

- Promover a semana do empreendedor no CAC, com palestras e seminários objetivando a integração com a comunidade empreendedora dos egressos.

- Incentivar o corpo docente e discente do CAC na elaboração de projetos ligados ao tema empreendedorismo para concorrer aos prêmios oferecidos pelo SEBRAE.

- Incentivar a criação de incubadoras educacionais de empresas.

- Realizar acompanhamento dos egressos junto a seus empreendimentos.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINI, J.C. et al. **Empreendedorismo** – conceitos e pressupostos. Brasília: SEBRAE, 2001.
- ANDRADE, R.R..**Demanda e Perfil Profissional de Técnicos de Nível Médio para o Setor Sucro-Alcooleiro**, 2005. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto Agrônômico. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, R.J., 2005.
- BRASIL.**Agricultura familiar**. 2005. Disponível em: <http://www.seag.es.gov.br/familiar.htm>. Acesso em: 25 set 2006.
- BRASIL. **Decreto lei nº 9.613, de 20 de agosto de 1946**. Lei Orgânica do Ensino Agrícola. Ministério da Agricultura. Serviço de Documentação. Rio de Janeiro, 1946.
- BRASIL. **Lei nº 8.948, de 08 de dezembro de 1994**. Educação profissional. Ministério da Educação. Brasília, 1994.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Ministério da Educação. Brasília, 1996.
- BRASIL. **Decreto 2.208 de 17 de abril de 1997**. Brasília, 1997.
- BRIGIDO, R. V. Certificação e Normalização de Competências: origens, conceitos e práticas. **Boletim Informativo SENAC**, Rio de Janeiro, v. 27, n.1, jan/abril, 2001.
- DELUIZ, N. **O modelo das competências profissionais no mundo do trabalho e na educação**: implicações para o currículo. São Paulo: Senac, 2001. Boletim técnico do Senac. Disponível em: < <http://www.senac.br/INFORMATIVO/BTS/273/boltec273b.htm>> Acesso em: 28 jun 2007.
- DEPRESBITERIS, L. **Competências na Educação profissional** – é possível avaliá-las? São Paulo: Senac, 2001. Boletim técnico do Senac. Disponível em: <<http://www.senac.br/informativo/BTS/312/boltec312a.htm>.> Acesso em: 28 de jun 2007.
- DOLABELA,F. **O Segredo de Luisa**. 30 ed. São Paulo: Cultura, 2006, 301p.
- DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo**: transformando idéias em negócios. Rio de Janeiro: Campus, 2001. 300 p.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GUIMARÃES, C.L. et al. **Introdução ao Estudo do Empreendedorismo e a sua Correlação com as Pequenas e médias Empresa**. 2006. Disponível em: <http://www.santoagostinho.edu.br/bancoteses/downloads/69>. Acesso em: 10 out. 2006.
- GARCIA, L.F. **Formação Empreendedora na Educação Profissional**: capacitação a distância de professores para o empreendedorismo. Florianópolis: LED, 2000.
- GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR – GEM. **Empreendedorismo no Brasil** –

2003: relatório nacional. Curitiba: IBQP - PR, 2004.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. Executive Report. Maria Minniti; William D. Bygrave; Erkkö Autio. Babson College, US and London Business School, UK, 2006.

KUENZER, A. Z. A reforma do Ensino Técnico no Brasil e suas Conseqüências. In: **Revista Ensaio: Avaliação e Políticas em Educação**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 20, p. 65-84, jul./dez. 1995.

LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. A. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAVADO, L. E.; CASTRO, A.A. **Projeto de Pesquisa**. São Paulo: AAC, 2001.

MANFREDI, S. M. **Educação Profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

MANFREDI, S. M. **Educação Profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2003,

MATTAR, F. N. **Pesquisa de Marketing**: Edição Compacta. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

PAVANI, P. O. C. **A inclusão dos princípios fundamentais do empreendedorismo empresarial no Curso em Agroindústria da Escola Agrotécnica Federal de Barbacena - MG**, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto Agronômico. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro: Seropédica, R.J., 2006.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: ARTMED, 1999. 90p

PERRENOUD, P. **Novas competências para ensinar: convite à viagem**. Porto Alegre: ARTMED, 2000. 192p.

SANTOS, F. C. **Empreendedorismo Utópico: políticas públicas de fomento ao empreendedorismo como uma alternativa para o desenvolvimento econômico local**. Trabalho apresentado no III EGEPE. Brasília, nov. 2003.

SEBRAE. Rio tem educação empreendedora no ensino fundamental. In: **Programa Jovens Empreendedores**. 2006. Disponível: <<http://www.empreendedor.com.br/?pid=28&cid=2944>>. Acesso em: 10 out. 2006.

SILVA, S. S. **Características Comportamentais Empreendedoras: um estudo comparativo entre empreendedores e intraempreendedores**. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto Agronômico. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro: Seropédica, R.J., 2006.

SILVA, E.D., MENEZES, E.M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. rev. atual. Florianópolis: Labotatório de Ensino a Distância da ufsc, 2001.

SIMARA. ENTREVISTA PARA HSM MANAGEMENT UPDATE - 15/07/05 - 17:00 <http://www.unindus.org.br/material/uploadAddress/HSM.doc>. acessado em outubro de 2007.

TERRA, BRANCA. **O Empreendedorismo e a Inovação Tecnológica**. Disponível: <http://www.intepp.com.br/intepp/_artigos/EMP_INOVA_TEC>. Acesso em: 10 out. 2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Colégio Agrícola de Camboriú.
Plano Político pedagógico. Camboriú, 2000.

ZUANY, M.J.M. **Educação Tecnológica e Empreendedorismo:** uma visão do segmento de rochas ornamentais do pólo de Cachoeira de Itaperemirim, E.S. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto Agrônomo. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, R.J., 2006

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO - UFRRJ
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA
MESTRANDO: LUIZ GONZAGA CECHET

Caros Colaboradores,

Este questionário tem por objetivo conhecer a percepção dos alunos egressos do Colégio Agrícola de Camboriú acerca da importância do tema “Empreendedorismo” na formação educacional, bem como na atuação profissional.

O preenchimento consciente e completo das questões será de enorme importância para a conclusão da dissertação intitulada **“Um estudo sobre a inserção de disciplinas de empreendedorismo no Colégio Agrícola de Camboriú, SC”**.

Ressalta-se que as informações ora fornecidas receberão devido sigilo do informante e integridade no uso das informações.

Na certeza de contar com a sua preciosa colaboração, antecipo os agradecimentos.

QUESTIONÁRIO

I Caracterização do Empreendedor

Nome: _____ Idade: _____ Sexo: () M () F

Qual curso você concluiu no CAC? _____

Em que ano se formou? _____.

Possui formação superior? () Sim () Não Qual? _____

Nome da sua empresa: _____

Qual o ramo do seu negócio? _____

Há quanto tempo está no mercado: _____ anos

Possui sócio(s)? () Sim () Não

Seu(s) sócio(s) possui(m) algum grau de parentesco? Qual: _____

Já trabalhou como empregado? () Sim () Não

Já empreendeu outro negócio? () Sim () Não

II Sobre a visão empreendedora

1 - Você conhece o significado do termo “Empreendedorismo” ? () Sim () Não

O que esse termo significa para você?

2 – A criação de seu empreendimento foi motivado por uma:

() necessidade () oportunidade

Como e quando você descobriu a oportunidade e/ou necessidade de empreender?

3 - Das características empreendedoras abaixo, assinale aquelas que você considera mais importantes para gerir (administrar) seu negócio:

- | | |
|--|---------------------------------|
| () Liderança | () Motivação e superação |
| () Comprometimento e determinação | () Propensão de assumir riscos |
| () Criatividade, autoconfiança, habilidade, capacidade de adaptação | () Iniciativa e ação |
| () Inovação | () Orientação a metas |
| | () Outras: _____ |

4 - Você encontrou dificuldades na gestão do seu negócio ou, ainda encontra?

() Muito () Pouco () Nada

5 – Das dificuldades encontradas na gestão (administração) da sua empresa, quais foram as mais significativas:

- | | |
|---|--|
| () Falta de planejamento | () Estabelecimento de preços dos produtos |
| () Aquisição de matérias-primas | () Gerenciamento de vendas |
| () Desconhecimento de técnicas para resolução de problemas | () Administração de pessoal |
| () Equipamentos e máquinas de baixa tecnologia | () Saber ouvir e captar informações |
| () Desconhecimento de processos e novas tecnologias | () Nível de formação profissional dos Colaboradores |
| | () Falta de capital |
| | Outras : _____ |

6 - Na escala abaixo, em qual nível de visão empreendedora você se colocaria?

Pouco empreendedor	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Muito empreendedor
--------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	--------------------

III – Sobre a formação educacional e a atuação profissional

7 - Você já pensava em seu próprio negócio (empreendimento) quando era aluno do CAC?
() Sim () Não

8 - O conhecimento adquirido no Colégio Agrícola de Camboriú contribuiu para a implantação do seu negócio? () Muito () Pouco () Nada

Em caso positivo, descreva abaixo quais foram as contribuições mais significativas:

9 - Ser egresso de um curso técnico, na sua visão, agregou mais pontos fortes ou, mais pontos fracos para o seu empreendimento?

Descreva alguns dos pontos fortes:

Descreva alguns dos pontos fracos:

10 - O Colégio Agrícola de Camboriú poderia ter fornecido melhores meios para facilitar o ato de empreender, enfrentar desafios e oportunidades?
() Sim () Não

Em caso positivo, sugira abaixo quais conteúdos/informações, o CAC poderia ter fornecido para facilitar o ato de empreender:

11 - Ocupe o espaço abaixo, caso queira, para fazer algum comentário:
